ENTREVISTA
Klaus Curt Müller, presidente da Anip: "Nossa indústria precisa de proteção contra a importação desleal"

MP DO PIS/COFINS
Fernando Haddad mira corte de gastos em Saúde e Educação para compensar derrota no Senado

A RETOMADA DA AIRBUS
Brasil puxa a expansão da fabricante europeia com a produção local e a encomenda de 120 aeronaves

ISTOÉ Dinheiro

TRÊS

TEMU A GIGANTE CHINESA DESEMBARCA NO BRASIL

A chegada da companhia, um dos fenômenos globais do comércio on-line, deve redesenhar o varejo brasileiro, que vive um cenário de empresas em dificuldades. A "taxa das blusinhas" aprovada no Congresso vai frear a invasão das plataformas asiáticas?




Clube de Revistas
Premiação MBPI 2023, em fundos de investimentos, divulgada pela revista IstoÉ Dinheiro (ranking dos últimos 12 meses de 2023, com critérios diferentes do ranking normal FGV). Saiba mais em banco.bradesco/investir.
invest+
bradesco
Bens patrimoniais
Autorregulação
ANBIMA
Distribuição de Produtos
de Investimento



A BALBÚRDIA DO PIS/COFINS

Um verdadeiro cordão de isolamento contra a ideia estapafúrdia do governo de restringir o uso dos créditos do PIS/Cofins – numa espécie de calote branco – foi montado arregimentando empresários, políticos, economistas e mesmo membros da própria equipe do presidente Lula. O Congresso, a bom tempo, derrubou a Medida Provisória, mas acabou por instalar assim um impasse: sem oferecer alternativa de compensação, abriu um buraco no Orçamento. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, tratou de reclamar que não tem plano B e que precisa de coberturas para as desonerações em curso.

Parlamentares tergiversaram quando cobrados sobre saídas. A perda de arrecadação, especialmente com a manutenção dos benefícios sobre as folhas de pagamento de 17 setores, é notória, e o problema segue na mesa. Empresários tocam bumbo ameaçando com guerra incessante à proposta, numa verdadeira rebelião que ganhou grande capilaridade dentre esses representantes da produção. Há a possibilidade, estudada por auxiliares do ministro Haddad, de oferecer um meio-termo, sem abrir mão dos recursos necessários para cobrir a diferença na conta. Não se sabe ainda que tipo de atalho seria este, mas os entendimentos com lideranças setoriais e também com congressistas tiveram início.

Não é nada fácil arranjar reposições da ordem de R$ 26,3 bilhões – valor calculado correspondente às desonerações –, conforme estabelece a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). A opção dos créditos de PIS/Cofins despontou justamente pela falta de exigência de cumprimento de prazos legais, podendo ser adotada sem demora. Não há possibilidade de flexibilizar ainda mais a meta fiscal que o governo pretende cravar no patamar de déficit zero. Qualquer mexida nessa área seria capaz de produzir mais arranhões sobre a credibilidade do Planalto.

A grande questão no momento é driblar a predisposição de Arthur Lira, na Câmara, e de Rodrigo Pacheco, no Senado, de melar as pretensões oficiais de aplicar medidas duras sobre potenciais eleitores às vésperas da corrida às urnas. O partido de Lira chegou a ir ao Supremo Tribunal Federal contra essa MP do PIS/Cofins, alegando a inconstitucionalidade da medida que, além de onerar a atividade privada, também fere a segurança jurídica das companhias. A pacificação do tema não é nada simples. O Executivo precisa, vitalmente, ampliar as receitas da União, sob pena de colapsar. A escolha pressupõe um mal velado aumento de impostos.

Decerto, o que não dá é entrar por essa via de maneira improvisada. O risco de a MP colocar areia na Reforma Tributária como um todo é concreta. Uma coisa pode protelar a outra. O projeto do senador Efraim Filho entrou em banho-maria à espera de um desfecho para o assunto do PIS/Cofins. O tempo conta contra. No segundo semestre, a corrida eleitoral deve emperrar todas as negociações. Especialistas apontam que a MP pode representar mais uma pedalada, passível de processos de impeachment contra o presidente Lula. Juristas têm classificado a medida como uma "fantasia de proporções épicas". Sem fontes de custeio e com esse paredão de resistência a sua proposta, o governo vai ficando refém das circunstâncias.

Carlos José Marques
Diretor editorial

 FOTOS: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL | JUSTIN SULLIVAN | DIVULGAÇÃO

Índice

CAPA







CAPA Foto: Freepik



TERMÔMETRO

PIB DE 2024 DEVE CRESCER 2,5%

O crescimento de 2,5% do PIB no primeiro trimestre, sobre um ano antes, foi o suficiente para uma toada mais otimista nas projeções de crescimento do Brasil em 2024. O Banco Mundial, por exemplo, já fala em um incremento de 2%, ante a projeção inicial de 1,7% feita em abril. No Boletim Focus, feito pelo Banco Central e que compila as percepções de instituições financeiras, o avanço das riquezas do País passou de 2,05% para 2,09% comparando as projeções realizadas na primeira e na segunda semana de maio. A alta deste ano também motivou revisão para cima do PIB de 2025, segundo relatório de Perspectivas Econômicas Globais divulgado nesta terça-feira (11), o avanço será de 2,2% ante aos 2% previstos um mês atrás. Ainda que as projeções mostrem alguma reação, o ritmo de crescimento do PIB não deve acompanhar o avanço de 2,9% registrado em 2023, refletindo a colheita agrícola mais fraca em 2024. Com relação ao cenário global, a estimativa é de um crescimento de 2,6% da economia. Para os próximos dois anos, a entidade prevê crescimento médio de 2,7%. A alta dos próximos anos deverá ficar abaixo da média do crescimento global na década pré-pandemia, que foi de 3,1%. Segundo o Banco Mundial, entre 2024 e 2026, mais de 80% da população e do PIB mundial deverá crescer em ritmo mais lento do que antes da pandemia.

PAC

Lula libera R$ 5,5 bi para educação

Em meio à greve de servidores da educação – que já dura quase 60 dias – e as discussões no Ministério da Fazenda sobre congelar investimentos no setor, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou, na segunda-feira (10), investimentos de R$ 5,5 bilhões para a educação, por meio de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (o Novo PAC). O ministro da Educação, Camilo Santana, também anunciou R$ 400 milhões para custeio de universidades. Abaixo, a descrição do governo para os investimentos anunciados:

R$ 3,17
bilhões na consolidação de estruturas

R$ 600
milhões para expansão

R$ 1,75
bilhão para hospitais universitários

R$ 90 bilhões

Foram transacionados via PIX na sexta-feira (7), valor recorde para um único dia, informou o Banco Central. Ao todo foram 206,8 milhões de operações ocorreram em um único dia. O total de transações desta sexta superou as 201,6 milhões registradas em 5 de abril de 2024 – montante que detinha o recorde anterior.

REFORMA TRIBUTÁRIA

Governo anula leilão de arroz

O presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Edegar Pretto, confirmou, na terça-feira (11), que o leilão para compra de arroz importado será anulado. O evento foi realizado na quinta-feira (6), mas suspeitas de irregularidades vieram à tona, o que justificou a anulação. “Pretendemos fazer um novo leilão, quem sabe em outros modelos, para que a gente possa ter garantia que vamos contratar uma empresa com capacidade técnica e financeira”, disse Pretto. “A decisão é anular esse leilão e proceder um novo, mais ajustado.” Por causa das suspeitas de irregularidades, o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Neri Geller, pediu demissão do cargo. A informação foi confirmada pelo ministro da Agricultura, Carlos Fávaro.



 FOTOS: FREEPIK | FLICKR



MERCADO DE TRABALHO

Tragédia no Sul pode atingir 8% dos empregos

Enquanto pessoas físicas e jurídicas calculam os estragos causados pelas enchentes no Rio Grande do Sul, o Banco Central fez um levantamento sobre os impactos das chuvas no mercado de trabalho brasileiro. Segundo o BC, os negócios até 500 metros das áreas atingidas pelas enchentes no Rio Grande do Sul representam 8% dos empregos formais no Estado. Dentre o total, o maior percentual das ocupações próximas às enchentes está relacionado aos serviços à família (11%). Aparecem na sequência a indústria de transformação (6%) e do comércio (7%). O estudo do BC também indica a parcela dos estabelecimentos em até 1 km das enchentes e o quanto equivalem em empregos formais. Nesses casos, os negócios mais próximos das inundações representam 22% das ocupações. O setor de transformação se mantém como o menos afetado (14%) e o de serviços às famílias com o maior percentual (23%).

NEGOCIAÇÃO DE JOIAS

Bolsonaro volta ao radar da Polícia Federal

A PF (Polícia Federal) identificou que uma nova joia foi negociada por aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) nos Estados Unidos. A descoberta foi feita durante diligências dos investigadores no país junto com o FBI, em abril de 2024. Segundo o diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues, a descoberta “robustece” a investigação. “A nossa diligência localizou que, além das joias que já sabíamos que existiam, houve negociação de outra joia que não estava no foco dessa investigação”, declarou o delegado. A expectativa é que o inquérito seja concluído nos próximos meses. Apesar disso, Andrei Rodrigues disse não ter informações sobre o paradeiro da nova joia.





FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY (1932 - 2017)

EDITORA CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE-EXECUTIVO CACO ALZUGARAY



DIRETOR EDITORIAL CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO MARCOS STRECKER

REDATOR-CHEFE HUGO CILO

EDITORES: Alexandre Inacio, Beto Silva e Paula Cristina
REPORTAGEM: Aline Almeida, Allan Ravagnani, Jaqueline Mendes e Letícia Franco

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbato
DESIGNERS: Christiane Pinho e Iara Spina
ILUSTRAÇÃO: Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
WEB DESIGNER: Alinne Nascimento Souza

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE - Contato: publicidade1@editora3.com.br

Diretora de Publicidade: Débora Liotti - deboraliotti@editora3.com.br; **Gerente de Publicidade:** Fernando Siqueira - Publicidade1@editora3.com.br; **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira - reginaoliveira@editora3.com.br; **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira - **Contato:** publicidade@editora3.com.br

ARACAJU – SE: Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 –**FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 ·
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica Ltda. Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000 Cajamar - SP



PARA ECONOMIZAR, PARTIU RESTAURANTE

Comer fora de casa, quem diria, está mais barato para os consumidores do que fazer as refeições em casa. Pelo menos é o que afirma a Federação de Hotéis, Restaurantes e Bares do Estado de São Paulo (Fhoresp). Entre 2020 e 2023, a inflação acumulada no segmento Alimentação Fora do Lar ficou em 24,7%, segundo o estudo. Já para quem opta por se alimentar em casa, o percentual alcançou 39,1%. Segundo destaca **Edson Pinto**, diretor-executivo da Fhoresp, para não perder a clientela e fidelizar os consumidores mais antigos, estabelecimentos do setor têm segurado os preços e absorvido perdas – mas sem que a medida leve a baixo faturamento e prejuízo.



JUNTOS SOMOS MAIS CONSTRÓI O PRIMEIRO BILHÃO

A Juntos Somos Mais, joint venture da Votorantim Cimentos, Tigre e Gerdau, que atua como e-commerce no setor da construção civil, ultrapassou em maio R$ 1 bilhão em vendas. É a primeira vez desde 2019, quando foi lançada, que supera a marca em um único mês. O último recorde da Juntos Somos Mais datava de maio de 2023, quando a empresa atingiu a marca de R$ 963 milhões. Houve recorde também em CNPJs. No total, 31 mil lojas compraram em um único mês. Segundo **Juliana Carson**, CEO da Juntos Somos Mais, de janeiro até maio, mais de 47 mil lojas realizaram, pelo menos, uma compra na plataforma. "O resultado nos consolida como o maior marketplace B2B do setor de construção civil e aponta para a adesão das principais marcas do mercado por processos ágeis e disruptivos", disse a executiva. "Foi uma longa jornada até chegarmos aqui, porque tivemos de conduzir um trabalho de convencimento dos lojistas para a cultura digital. Acreditamos no poder da tecnologia para mudar as relações da indústria e do varejo, trazendo mais comodidade, flexibilidade e inteligência nas compras realizadas no ambiente online", afirmou. Com mais de 40 mil produtos, o marketplace da Juntos Somos Mais se propõe a oferecer maior autonomia, eficiência e praticidade para os varejistas reporem seus estoques, além de aumentar o sortimento de vendas, que impacta na rentabilidade. Do lado da indústria, as marcas participantes contam com a vantagem de disponibilizar um mix com produtos variados a preço acessível, além de alcançar um público maior sem elevar custos.





DIGITALIZAÇÃO **AMEAÇA CARTÓRIOS**

Se depender da velocidade do crescimento do mercado de digitalização de documentos, logo os cartórios – com seus carimbos, selos e livros amarelados – serão peças de museu. A eBox Digital, empresa especializada em gestão e proteção de documentos físicos e digitais, viu esse boom nas demandas por digitalização disparar. A companhia deve ultrapassar R$ 30 milhões de faturamento neste ano, crescimento de 3.000% em sete anos, segundo **Roberto Gonçalves**, CEO da eBox Digital. “A digitalização de documentos oferece não só agilidade, mas também mais segurança em processos internos, que resultam em maior produtividade e tomada de decisões mais assertivas para cada tipo de negócio”, disse.



LAVORO INVESTE NA FORÇA DO VAREJO

A Lavoro, primeira distribuidora de insumos agrícolas da América Latina a ter as ações listadas na Nasdaq, vai acelerar a abertura de lojas neste ano e em 2025. Somente no primeiro semestre foram sete lojas inauguradas nas regiões Sul e Sudeste, cinco no Paraná e duas em Minas Gerais. Para o CEO **Ruy Cunha**, o cenário é desafiador para o agronegócio, mas a abertura de lojas simbolizará o compromisso da empresa com os agricultores. “Com este movimento, visamos a prestação de um serviço de alta qualidade para os produtores, além do desenvolvimento local, geração de empregos e reforço da marca”, disse. Hoje a Lavoro tem cerca de 74 mil clientes e mais de 220 lojas no Brasil e na Colômbia, com portfólio que vai de sementes e fertilizantes até defensivos biológicos e químicos.

O DESAFIO DE GERIR EQUIPES

ESTUDO DA MINDSIGHT, STARTUP ESPECIALIZA EM RH, LEVANTOU QUAIS OS MAIORES DESAFIOS DA GESTÃO DE EQUIPES ATUALMENTE. VEJA O RESULTADO:

Liderança imatura	28,39
Reter talentos	16,73
Funcionários desengajados	12,71
Atrair talentos	8,90
Pacote de benefícios	6,74
Saúde mental dos funcionários	5,97
Tecnologias ineficientes	5,85
Ter um time diverso	3,61
Não sabe responder	11,10

Fonte: Mindsight HR Report 2024

ABB APOSTA NA INDÚSTRIA BRASILEIRA



A Agência Internacional de Energia estima que 25% das atuais emissões globais de carbono vêm da indústria, e boa parte do consumo de energia gerado pelo segmento é devido ao uso dos motores elétricos. Nesse contexto, o Brasil tem imenso potencial de liderar a descarbonização industrial, segundo **Erich Labuda**, presidente global da divisão de serviços da área de motion da ABB. “O Brasil apresenta um potencial bastante promissor em geração de energia de matrizes limpas”, disse. A ABB estima que se 80% dos motores elétricos atuais fossem trocados por motores ultrapremium (certificação IE5) seria possível economizar cerca de 160 terawatt-hora de energia ao ano, o equivalente a mais do que o consumo anual de energia na Polônia.

A próxima revolução já começou. **E vai transformar os seus investimentos.**

Depois da revolução industrial e da revolução da informação, seu próximo investimento vai antecipar o **potencial de uma nova grande era.**

Fundo Safra Inteligência Artificial

Conheça o novo **fundo Safra Inteligência Artificial**. O investimento em que você pode ganhar a partir da alta de **empresas conectadas ou beneficiadas pela IA**, com a segurança do Safra.





Invista com o Safra.

Fale com seu gerente e conheça mais.



Certifique-se se o produto é adequado ao seu perfil. RENTABILIDADE PASSADA NÃO É GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. QUALQUER RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS. NEM TODOS OS INVESTIMENTOS CONTAM COM A GARANTIA DO FGC, SENDO QUE FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR E DO FGC. Consulte condições. Antes de investir, recomenda-se a leitura do formulário de informações complementares, da lâmina de informações essenciais, se houver, e do regulamento do fundo. Descrição do tipo Anbima disponível no formulário de informações complementares. Material de divulgação do SAFRA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL FIF CLASSE DE INVESTIMENTO MULTIMERCADO RESPONSABILIDADE LIMITADA, CNPJ 54.401.649/0001-43. SUPERVISÃO E FISCALIZAÇÃO: a. Comissão de Valores Mobiliários – CVM. b. Serviço de Atendimento ao Cidadãoem www.cvm.gov.br.


Safra
QUEM SABE, SAFRA.



"Sem proteção, nossa indústria só vai importar, em vez de produzir"

À frente da maior entidade do setor de pneus no País, o executivo afirma que o governo demostra sensibilidade com o tema, mas demora demais para tomar medidas de salvaguarda

Hugo CILO

Enquanto o varejo brasileiro discute os impactos da invasão de produtos chineses via plataformas de e-commerce, o executivo Klaus Curt Müller, presidente da Associação Nacional da Indústria de Pneumáticos (Anip), calcula os estragos da concorrência "desleal" dos pneus importados chineses no mercado brasileiro. Mesmo com a recente disparada do dólar, que passou de R$ 5,40 nos últimos dias, os produtos vindos de fora continuam chegando com preços muito inferiores aos praticados pelos Made in Brazil, inclusive abaixo do custo da matéria-prima, segundo ele. Por isso, Curt Müller afirma que é urgente que o tema seja tratado pelo governo e pelo Congresso, antes que as consequências sejam irreparáveis para todas as empresas do setor. "Para concorrer, eu precisaria de contrabando de matéria-prima, não pagar funcionário, nem imposto, e ainda ter alguma vantagem do governo, o que não é o caso do Brasil", afirmou. Confira, a seguir, os principais trechos de sua entrevista à DINHEIRO:

DINHEIRO — Qual a sua análise do atual momento vivenciado pela indústria brasileira e a de pneus?

KLAUS CURT MÜLLER — O atual momento é desafiador. O que acontece é que existe uma questão de importação versus indústria local. Em qualquer lugar do mundo, há diferenças entre as condições de produção de cada país. Então, existem mecanismos de ajuste, como a alíquota de imposto de importação, que faz o balanceamento entre as diferenças de competitividade. Mas isso é válido quando essas diferenças estão em um campo de concorrência leal. No caso de pneus, hoje, quando você pensa em produtos asiáticos no mercado nacional, que representam de 90% a 93% da importação total brasileira, esses itens estão chegando com preços abaixo do custo da nossa indústria. Metade desse total chega abaixo do preço de matéria-prima global. Não dá para concorrer nessas condições tão gritantes.

Como os chineses conseguem vender abaixo do custo da matéria-prima?

Isso é uma estrutura da indústria chinesa, onde o interesse é exportar a qualquer custo. Existem muitos subsídios e instrumentos locais que possibilitam isso, como subsídios regionais e nacionais. A questão de dumping é constante. Os chineses vendem mais no país de exportação do que no mercado interno. Outras condições também viabilizam a produção a um custo baixo ou até abaixo do custo. Para concorrer, eu precisaria de contrabando de matéria-prima, não pagar funcionário, nem imposto, e ainda ter alguma vantagem do governo, o que não é o caso do Brasil.

Como outros mercados estão se protegendo dessa invasão asiática?

Outros países como Estados Unidos, México e União Europeia já montaram suas defesas tributárias e outras barreiras. Isso é um problema global, não apenas da indústria brasileira. Estamos tratando com o governo de modo muito sério as defesas comerciais técnicas. Nosso problema hoje é que estamos numa barreira urgente e transitória. Enquanto os processos de defesa comercial não acontecem, estamos sendo corroídos pela importação.

> A discussão é que qualquer país que produz algo que agrega valor e gera emprego deve verificar se não está perdendo capital. Todo país olha isso"

A indústria automobilística, em busca de redução de custos, está colocando produtos estrangeiros como pneu original nos seus carros aqui no Brasil?

Não. O único setor que está importando pneu para colocar no seu equipamento original de venda são os implementos rodoviários, como as carretas. As montadoras de automóveis e caminhões mantêm a indústria nacional porque você tem vários detalhes técnicos. Nossos pneus são homologados pela montadora, e existe toda uma parceria de desenvolvimento de produto. O importador pequeno não tem capital para assumir um recall ou possíveis problemas jurídicos. A montadora evita ao máximo correr esse risco. Existe alguns casos pontuais de pneus chineses originais de fábrica, mas só quando esse produtos são testados, aprovados e homolgados pelas matrizes. Além disso, o pneu nacional oferece maior durabilidade e segurança, e é mais econômico a longo prazo.

O Brasil tem a China como principal destino das exportações e é superavitário atualmente. Ao criar barreira aos produtos chineses, existe a possibilidade de uma retaliação?

Isso não existe. Ter um grande parceiro na exportação não obriga a aceitar comércio desleal. Na OMC, todos os mecanismos de defesa comercial ocorrem. A China pode até se defender, mas nunca toma retaliação em processos dentro das regras. Se você colocar no âmbito político, as reações são subjetivas. Mas em processos de comércio desleal, a China reconhece quando há um desequilíbrio e não toma ações de retaliação. A relação de superávit é principalmente na balança de bens primários, que são gêneros de primeira necessidade.

Existe um clima favorável para o debate sobre a taxação da importação de pneus na carona da questão das plataformas de comércio on-line?

A situação é diferente. Na questão das plataformas, o problema é que você tem US$ 50 hoje para uma gama grande de produtos, o que poderia afetar a produção nacional. Há uma concorrência desleal também, mas as soluções são diferentes. Há uma negociação sobre as taxas. A discussão é que qualquer país que produz algo que agrega valor e gera emprego deve verificar se não está perdendo esse capital. Todo país olha, analisa e toma suas medidas para proteger suas indústrias.

Se nada for feito, qual será o futuro da indústria de pneus no Brasil?
Sem proteção, nossa indústria só vai importar, em vez de produzir. Se nada for feito, teremos um avanço ainda maior das importações. Hoje, temos seis grandes empresas e 21 plantas de pneu no Brasil. Essas plantas começarão a se desligar. Já temos mais de 2,5 mil pessoas em lay-off, e o próximo passo é a demissão. Nos tornaremos importadores, o que não queremos, porque temos décadas de investimento e história no Brasil. O caminho será o desmanche da indústria nacional, infelizmente.

Quando isso vai acontecer?
Daqui pouco mais de um ano, se nada for feito. Em 18 meses, o governo e as empresas terão de tomar decisões importantes, de decidir se continua a produzir ou se vai importar. Fabricamos no Brasil mais de mil tipos de pneu. Cada pneu representa uma situação de mercado, volume, retorno e margem. Teremos que escolher quais pneus continuarão a ser produzidos e quais serão importados. Haverá uma transição gradual.

O setor está preparado para só importar?
Sim, temos uma grande estrutura de vendas, capacidade e tecnologia aqui e lá fora. Temos inúmeras plantas lá fora de cada marca. E a gente vira importador, o que não queremos. Temos décadas de investimento e história no Brasil. Mas, o caminho é esse porque não vamos conseguir manter todas as fábricas com esse mercado se reduzindo. É uma questão matemática, não é desejo.

Mas as empresas já importam bastante...
Não se compararmos o tamanho do mercado. Nossa importação está em 1% e 2% do total. Historicamente, chegou a 20%. Importamos apenas o que não fabricamos, como pneus com baixa demanda que não justificam uma linha de produção.

E qual será o impacto de substituir a produção nacional por importação?
Vai afetar diretamente 32 mil pessoas. Na cadeia, isso chegaria a 500 mil pessoas, desde o agro até a produção de químicos e aço. A borracha natural, por exemplo, 70% dela vai para pneus. Isso causaria grande desemprego na agricultura e na produção de borracha. A reforma de pneus, que emprega muita gente, também seria afetada. Pneus importados não são ambientalmente corretos e não podem ser reformados.

E o impacto na cadeira de suprimentos?
Isso afetaria várias categorias e elos da cadeia produtiva. Desde 1999, investimos R$ 1,6 bilhão no recolhimento de pneus e gastamos cerca de R$ 100 milhões por ano para tirar esses pneus do ambiente.

> Há seis grandes empresas e 21 plantas de pneu no Brasil. Elas começarão a se desligar. Temos 2,5 mil pessoas em lay-off, e o próximo passo é a demissão"

Importadores não cumprem as metas ambientais e ainda conseguem importar a preços baixos. Isso é um tapa na cara da indústria nacional.

A indústria automobilística também sente esse impacto?
Sim, a expectativa de que a venda de automóveis novos no Brasil poderia chegar a 5 milhões de veículos hoje está na metade disso. Também não tem um efeito desse tipo no mercado. O mercado original, das montadoras, poderia estar melhor. O problema é que existem dois mercados: o original e o de reposição. A reposição geralmente é maior que o original e é onde temos registrado o avanço da importação.

Esse ambiente já está prejudicando os investimentos?
Com certeza. Pode perguntar para qualquer empresa do setor. Qualquer uma que tenha uns US$ 3 bilhões para investir, não coloca aqui. Veja o cenário. Estou com estoque até a tampa, estou com uma invasão de impostados, estou com um market share menor que 50%... Óbvio que não vou investir. Esse é o ponto. No Brasil, às vezes, saímos atrás de investimento com uma mão e, com a outra, acabamos prejudicando, inviabilizando o que já existe.

Mas as empresas fizeram anúncios de investimento recentemente...
A indústria de pneus, assim como a automotiva, precisa investir constantemente porque você compra tecnologia. Melhora o carro, tem que melhorar o pneu. Tenho que estar na frente do carro, o pneu tem que estar pronto. É investimento constante. Às vezes, os investimentos acontecem porque já estavam programados. Novos estão todos em stand-by para verificar para onde vai a nossa situação.

Como está a negociação com o governo em relação a criar barreiras para os importados?
Existe uma sensibilidade e entendimento por parte do governo. A diferença é o timing. Temos várias medidas sendo trabalhadas junto ao governo, mas elas maturam em 8, 10, 12, 18 meses. E você tem uma invasão que já vem de 2023. Então, nossa discussão com o governo é sobre a questão do tempo. Precisamos de uma medida emergencial para balancear essa importação desleal e ter tempo para as medidas efetivas entrarem em ação.

Então, o desalinhamento com o governo é sobre a urgência das medidas?
Exatamente. Hoje, nosso desalinhamento com o governo é sobre o tempo. 18 meses, por exemplo, mais um ano e meio nessa situação, é inviável. Precisamos de uma medida emergencial para chegar às medidas efetivas.

soluções imobiliárias
ESPAÇO REIS
APRESENTA

(Por TV Notícias)

Tatiana Reis: Da Cidade Grande ao Sucesso em Búzios

O que faz uma pessoa trocar a agitação da cidade grande pela serenidade de uma cidade costeira? Para Tatiana Reis, a mudança foi motivada pela busca de um propósito e qualidade de vida. Administradora de Empresas com MBA em Gestão de Negócios pelo IBMEC-RJ, Tatiana deixou para trás uma carreira sólida na indústria farmacêutica para encontrar sucesso no mercado imobiliário de Búzios, o terceiro destino mais desejado do Brasil.

Tatiana fundou a Espaço Reis Imóveis em 2017, uma imobiliária que rapidamente se destacou pela inovação e pelo atendimento personalizado. "Vi que em Búzios havia uma oportunidade única de oferecer um serviço imobiliário de excelência", conta Tatiana. Sua visão empreendedora e dedicação resultaram em prêmios nacionais e internacionais, reconhecendo o diferencial da empresa.

A transição para Búzios não foi apenas uma busca por qualidade de vida, mas também uma decisão estratégica. "Foi desafiador deixar a cidade grande, mas Búzios me proporcionou uma vida que eu nem imaginava ser possível", revela Tatiana. Hoje, a Espaço Reis Imóveis acumula um número exponencial de vendas, destacando-se na cidade e no estado do Rio de Janeiro, e gerencia uma vasta carteira de imóveis para locação, destacando-se pelo uso de tecnologias avançadas, marketing digital, gestão e capacitação de pessoas.

Búzios também evoluiu ao longo dos anos, tornando-se um dos destinos mais procurados do Brasil. O desenvolvimento da cidade foi impulsionado pela alta demanda turística, resultando em um aumento significativo dos investimentos imobiliários. Grandes empreendimentos estão sendo realizados na região, promovendo um ciclo virtuoso de valorização e rentabilidade.

Atuando no mercado de altíssimo luxo, Tatiana Reis e sua equipe têm uma carteira de clientes que inclui atores, atrizes, técnicos de futebol renomados, apresentadores de TV, jogadores e empresários. Eles oferecem um atendimento extremamente sigiloso, personalizado e diferenciado, proporcionando confiança e discrição a todos que compram, vendem ou alugam propriedades com a Espaço Reis Imóveis.

Sob a liderança visionária de Tatiana Reis, a Espaço Reis Imóveis transformou o mercado imobiliário de Búzios, destacando-se pela inovação, qualidade no atendimento e parcerias estratégicas. Com uma visão de futuro promissora, gestão e capacitação de profissionais, a empresa continua a crescer e a consolidar sua posição como uma referência no mercado imobiliário de alto padrão.

Com planos de expandir suas operações para outras regiões do Brasil, ela continua a demonstrar que visão, dedicação e gestão de pessoas são a chave para transformar qualquer sonho em realidade. "Minha trajetória é prova de que, com esforço e paixão, é possível alcançar grandes feitos", conclui Tatiana, deixando um legado de inspiração para futuras gerações de empreendedoras. ■

Saiba Mais: https://www.espacoreisimoveis.com.br

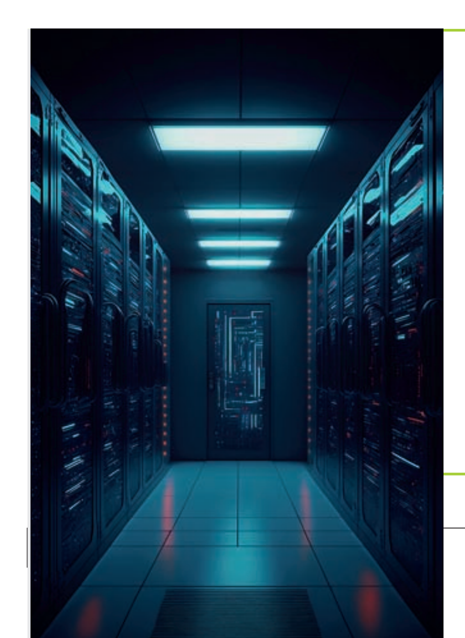


 POR ALLAN RAVAGNANI



Com blockchain, Arezzo&Co quer rastrear cadeia do couro

A calçadista Arezzo&Co tem avançado na rastreabilidade de uma de suas principais matérias-primas, o couro. Com potencial de integração e segurança no tratamento dos dados, a tecnologia blockchain é a grande aliada desse projeto, que teve início em 2022. Mirando na meta de ter 100% da cadeia do couro rastreada até 2030, a companhia se prepara para mapear todos os elos envolvidos na produção, das fábricas às fazendas de criação. A iniciativa está sendo construída de maneira colaborativa com fornecedores e parceiros. A Blockforce, consultoria especializada em blockchain que conta com um histórico de projetos desenvolvidos para o setor de moda, foi a escolhida para conduzir a criação da plataforma. Hoje, a Arezzo&Co possui um sistema de rastreamento que integra informações como origem, autenticidade, movimentação e produção da matéria-prima. "Desde o começo, buscamos o olhar de todas as partes envolvidas nesse processo. Além de garantir a visão dos nossos parceiros a esse projeto piloto, também tivemos a participação ativa dos profissionais das fábricas, da área de sourcing e da própria diretoria. Durante a execução desse fluxo, foi atestado que os sistemas conseguiam integrar os dados e nos dar uma 'fotografia' precisa da sequência documental necessária para o rastreamento", afirmou Suelen Joner, diretora de ESG da Arezzo&Co.



TRANSFERÊNCIA

CALOR DE DATA CENTERS AQUECE EDIFÍCIOS E PISCINAS PRÓXIMAS

A Equinix, empresa mundial de infraestrutura digital, acaba de lançar o programa de exportação de calor dos data centers, que inclui o Centro Aquático Olímpico de Paris. As ações de sustentabilidade da companhia são definidas considerando as condições climáticas de cada local. No Brasil, por exemplo, foi implantado o reuso de água da chuva, uso de energia eólica e solar e resfriamento a partir do ar frio externo. O programa Heat Export da Equinix recupera o calor residual dos seus data centers e exporta-o para edifícios nas comunidades vizinhas, proporcionando uma alternativa mais limpa aos métodos tradicionais em um momento que se observa um aumento dos preços globais da energia além de restrições de fornecimento.

EMBALAGENS

BALL ATINGE META **DE 100% DE ENERGIA RENOVÁVEL** NO BRASIL

A Ball Corporation, líder mundial em embalagens sustentáveis de alumínio, anunciou a conquista antecipada de sua meta ambiciosa de utilizar 100% de energia elétrica renovável em suas operações no Brasil. Esta realização ocorre seis anos antes do prazo global estabelecido para 2030, com meta intermediária de 75% até 2025. O País é o terceiro da América do Sul com presença da Ball a alcançar a meta, se juntando ao Paraguai e Chile. Para 2050, as metas incluem zerar as emissões de gases de efeito estufa (GEE). Nesse sentido, a empresa também obteve avanços significativos, com uma redução de 42% nas emissões no Escopo 1 e 2, em comparação com a linha de base de 2017, utilizando um novo processo com ar comprimido em sua fabricação.

CONSTRUÇÃO

KINGSPAN **REDUZ EM 65% SUAS EMISSÕES DE GEE**



A Kingspan, líder global em soluções isotérmicas para construção civil, anunciou uma redução absoluta de 65% nas suas emissões de Gases Efeito Estufa (GEE) de âmbito 1 e 2, desde 2020. As informações estão no último relatório de sustentabilidade, que também mostra que 49,6% de todas as instalações de propriedade integral da corporação tinham sistemas solares fotovoltaicos instalados até o final do ano. Seguindo os passos da multinacional irlandesa, no Brasil, o CEO **Cristiano dos Anjos**, da Kingspan Isoeste, formada em 2017, já tem mais de 40% da energia consumida em suas unidades de fonte renovável e mais de 20% é gerada nas fábricas através de energia solar. Cerca de 7% da sua frota no País já é composta por veículos elétricos.



EQUILÍBRIO

PINHEIROS ONE RECEBE CERTIFICAÇÃO DE **CARBONO, ÁGUA E ENERGIA ZERO**

O edifício Pinheiros One, sob a gestão da Barzel Properties, recebeu a certificação LEED Zero (*Leadership in Energy and Environmental Design*) para Carbono, Água e Energia. O fato é relevante no Brasil, dado que é o primeiro edifício corporativo no País a receber a certificação internacional. O Pinheiros One alcançou um equilíbrio zero no consumo de água potável ao longo dos últimos 12 meses. Todo o abastecimento de água provém da concessionária local da Sabesp, sendo devidamente tratada e reintegrada ao sistema, por intermédio de uma Estação de Tratamento de Efluentes (ETE). No consumo de energia, o edifício também atingiu o equilíbrio zero, gerando energia renovável equivalente ao seu consumo total de energia elétrica e fóssil.

PLÁSTICO

ICONIC QUER REDUZIR PELA METADE A UTILIZAÇÃO DE PLÁSTICO ATÉ 2030



Líder nacional do setor de lubrificantes e graxas, a ICONIC assumiu o compromisso de reduzir em 50% a quantidade de plástico utilizada nas embalagens dos seus produtos até 2030. O foco é aplicar resina reciclável nas embalagens, que é produzida a partir de materiais reaproveitáveis. “Os recipientes de 20 litros, conhecidos como bombonas, já contam com 40% de resina reciclada. Em 2024, a nossa meta é chegar a 50% neste tipo de embalagem, por exemplo”, disse **Roberta Teixeira**, diretora de Tecnologia e Sustentabilidade. A empresa já alcançou uma redução de 33% no consumo de filme plástico utilizado no envelopamento do pallet (estrado de madeira para transporte). Essas iniciativas já somam a redução de quase 660 toneladas de plástico.

FOTOS: FREEPIK | DIVULGAÇÃO



ESG BEM-FEITO MEDE, PROTEGE E CRIA VALOR EMPRESARIAL

RICARDO VOLTOLINI
É CEO DA IDEIA SUSTENTÁVEL, FUNDADOR DA PLATAFORMA LIDERANÇA COM VALORES, MENTOR E CONSELHEIRO DE SUSTENTABILIDADE

Há um mês escrevi, neste espaço, um artigo abordando o falacioso movimento anti-ESG nos EUA. Evidências mais recentes confirmam não só que os republicanos ativistas da causa estão ficando cada dia mais sozinhos, mas que a sua tese segue em queda livre de prestígio entre os atores do mercado.

Segundo pesquisa do banco Morgan Stanley, aplicada a 300 empresas com receitas superiores a US$ 100 milhões, os líderes de negócios de três continentes já enxergam a sustentabilidade como fator de geração de valor. Quando perguntados sobre como a sustentabilidade impacta a estratégia corporativa de longo prazo, 85% dos entrevistados afirmam que ela é principalmente (53%) ou parcialmente (32%) uma oportunidade para criação de valor.

Queiram ou não os defensores do anti-ESG, parece clara, segundo o estudo, a tendência também verificada no Brasil de convergência das estratégias de ESG com as de negócio. Se, no passado, a decisão por investir em sustentabilidade atendia basicamente às pressões externas, agora já leva em conta razões intrínsecas ao valor dos negócios.

O alto nível de investimento continua sendo, na avaliação dos entrevistados, o mais relevante (70%) entrave à implementação das estratégias de sustentabilidade. No entanto, 76% admitem que, nos próximos cinco anos, as medidas de ESG vão resultar em redução de custo de capital (capital próprio e/ou dívida) para os investidores. Um em cada três entrevistados enxerga oportunidades para alinhar melhor as necessidades de financiamento com a estratégia de sustentabilidade, adotando, por exemplo, instrumentos de finanças sustentáveis como os títulos verdes. A emergência climática deve acelerar o fluxo. Espera-se um volume significativo de alocação de capital para fazer frente, por exemplo, ao necessário investimento em tecnologias limpas e transição energética.

Do estudo do Morgan Stanley emerge uma conclusão desconfortável para os embaixadores anti-ESG: a maioria dos entrevistados (55%) não tem dúvidas de que os critérios de sustentabilidade mudarão as principais decisões empresariais relacionadas a despesas de capital, gestão de riscos, desenvolvimento de novos produtos, fusões e aquisições.

E por falar em fusões e aquisições (F&A), estudo recente da Deloitte aponta que o ESG vem ganhando força também como filtro de análise entre líderes corporativos e de private equity. Antes considerados apenas ocasionalmente, fatores ambientais, sociais e de governança passaram a contar nas avaliações, definição de metas, gestão de portifólio e demais etapas do ciclo de vida de F&A. Admite-se hoje que impactam muito na qualidade dos ativos, na atração de talentos e na reputação.

A evolução do papel do ESG em F&A deve ser atribuída à maior disponibilidade de dados, melhores ferramentas e um entendimento mais amplo sobre como os temas materiais afetam os negócios. Ainda segundo a pesquisa da Delloite, cerca de 57% dos líderes globais de F&A estão utilizando metodologias ESG mais precisas em 2024, 18% a mais do que em 2022. Cerca de 78% dos que usam métricas consagradas se reconhecem mais confiantes ao avaliar o perfil ESG de uma empresa em curso de fusão ou aquisição.

Prova de que é um processo consistente e sem volta, o melhor ou pior perfil ESG começa a pesar na definição de prioridades de compras ou desinvestimentos. Quase três quartos (74%) das empresas alegam ter avaliado seus alvos segundo uma perspectiva de ESG. Percentual semelhante (67%) afirma ter usado o mesmo critério para descontinuar investimentos em seus portfólios.

Definitivamente, o ESG nunca esteve tão vivo. Nunca dialogou tão intimamente com as regras do jogo do capitalismo contemporâneo. O resto é gritaria para desviar a atenção.

MENTES BRILHANTES

APRESENTA

DR. ARIEL CAMARGO:

ESPECIALISTA EM HARMONIZAÇÃO OROFACIAL TRANSFORMA VIDAS RESTAURANDO AUTOESTIMA E SAÚDE ATRAVÉS DE SUAS TÉCNICAS

Ariel Camargo é um desses empreendedores que servem de inspiração pela coragem e inovação. Nascido em Cuiabá-MT, é Cirurgião Dentista, especializado em harmonização facial, apaixonado pela sua profissão, sabe o poder que ela proporciona em transformar sonhos, sorrisos e autoestima que vão muito além da estética, ele inspira por onde passa uma abordagem mais humana e consciente no universo da harmonização facial. Com uma carreira consolidada que se estende por mais de 6 anos, Dr. Ariel é um profissional dedicado e visionário em sua área.

Iniciou sua jornada com a graduação em odontologia, obtendo pós-graduações em endodontia e implantes. Em 2018, iniciou na área de Harmonização Facial, encontrando seu propósito e paixão. Idealizador do projeto *"Harmonização Social"*, que oferece tratamentos estéticos a pacientes com histórias de vida específicas, incentivando o autocuidado e a melhora da autoestima, incluindo o primeiro reality show de harmonização facial do país, transmitido nas redes sociais e YouTube. Cofundador da Gaya.esg, startup de tecnologia e serviços socioambientais, e idealizador do software Hofsystem para gestão de consultório na área estética.

O mercado de harmonização orofacial revela um cenário em ascensão, Dr. Ariel Camargo é um dos nos nomes que tem se destacado não apenas por aprimorar a estética facial, mas também por elevar a autoestima e a confiança de seus pacientes. *"Vejo a harmonização orofacial não apenas como estética, mas como uma forma de entender o meu paciente, com suas necessidades, sonhos e desejos, e poder contribuir nesse resultado como forma de realização pessoal, contribuindo para elevar sua autoestima. Trabalho de forma que propõe um tratamento surpreendente, realçando a beleza e naturalidade do rosto"*, explica

Ele desenvolveu a técnica exclusiva de Harmonização Facial, chamada Hialo-Reestruturação, é fundador e instrutor do curso de Harmonização Facial, ministrando para alunos de mais de 5 países na América Latina, ajudando milhares de dentistas a conseguirem sucesso na profissão e consequentemente milhões de pacientes são beneficiados por isso.

Fundador e apresentador do podcast "FACECAST", abordando temas relacionados à transformação de vida após procedimentos estéticos. Autor do livro *"A Beleza em Transformação: Uma reflexão sobre a Estética Reinventada na Era Digital"*.

Além de sua habilidade técnica excepcional, Dr. Ariel é reconhecido por sua sensibilidade e pelo atendimento de excelência para com seus pacientes.



> *Nossa preocupação é proporcionar sempre para nossos pacientes um ambiente acolhedor, seguro, com profissionais de alta qualidade, com ética e comprometimento para garantir um resultado satisfatório e o conforto de cada paciente, desde o agendamento ao pós-procedimento", disse.*

Jornalista Daniela Duarte

Dr. Ariel está sempre à frente, incorporando as últimas técnicas e tecnologias para oferecer tratamentos seguros e eficazes aos seus pacientes. "Ao longo dos anos me dediquei nessa área para ofertar o melhor atendimento, com segurança, resgatando autoestima. Minha missão de vida é poder impactar de forma positiva na vida das pessoas, promover saúde, bem-estar através da Harmonização Facial", pontuou.

Em suas redes sociais, esse empresário visionário de sucesso mostra seu dia a dia, apresenta os resultados dos procedimentos, fala sobre harmonização, naturalidade, visagismo e muito mais. Para acompanhar esse profissional e conhecer seu trabalho siga-o nas redes sociais: @drarielcamargo / www.hialoreestruturacao.com.br / www.gayaesg.com.br





O QUEBRA-CABEÇA TRIBUTÁRIO DE LULA

GOVERNO RECUA EM PLANO DE REVISÃO DOS IMPOSTOS PIS E COFINS PARA COMPENSAR A DESONERAÇÃO DA FOLHA, E CLIMA É DE INCERTEZA NA EQUIPE ECONÔMICA

Paula CRISTINA

 FOTO: FREEPIK



A conta de dois mais dois, teoricamente, é invariável. O resultado é sempre quatro. Ou pelo menos deveria ser. Quando o assunto são as finanças públicas, a flexibilidade se sobressai aos ensinamentos de Pitágoras, pai da matemática. No Brasil, a equação é a seguinte: há alguns meses o governo federal perdeu a queda de braço com o Legislativo e com a cadeia produtiva, e precisou engolir a desoneração da folha, iniciativa que reduz em R$ 26,3 bilhões a arrecadação pública. A cifra era essencial para que o governo conseguisse cumprir a âncora fiscal que propôs, e que visa o equilíbrio entre as colunas de arrecadação e gastos. Munido apenas da lógica da matemática, Fernando Haddad, ministro da Fazenda, propôs uma alteração tributária no PIS/Cofins, que resultaria em uma arrecadação extra de R$ 29,2 bilhões, suprindo, assim, o buraco da desoneração. Perfeito na teoria. Uma derrota para o governo na prática. O levante dos setores de agronegócio, serviços e indústria, juntamente com a falação parlamentar e a sinalização do STF de que a mudança na incidência do imposto seria inconstitucional, terminou com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, devolvendo parte da Medida Provisória 1227/2024 para o Palácio do Planalto, com a mensagem de que, na aritmética sugerida pela Fazenda, a conta de dois mais dois não será quatro.

Pode até parecer um detalhe pouco relevante em uma dinâmica republicana, em que derrotas são comuns e o diálogo faz parte do avanço. Mas, no cenário atual, a devolução da MP deixa o governo com menos capital político para negociar, e menos opções para atingir os R$ 76,5 bilhões estimados pelo Prisma Fiscal, do Ministério da Fazenda, de déficit para 2024.

O plano inicial do governo com a MP enviada no dia 7 de junho era fazer um movimento similar ao que aconteceu nas MPs 1185 e 1202, de 2023. No primeiro caso, o texto acabava com as isenções de tributos federais aferidas pelos governadores. No segundo, impôs um limite de compensação tributária para grandes empresas. Ambos os textos tinham forte resistência do empresariado e do Legislativo e, nas duas oportunidades, a solução foi negociada, amenizada e aprovada. Desta vez, o corte foi seco. Para o ex-ministro da Agricultura Blairo Maggi, faltou tato do governo de entender que não é possível fazer uma movimentação desta, visando apenas arrecadação, sem olhar os efeitos práticos na economia real. "Não foram consideradas as consequências perversas para a competitividade das empresas", disse.

E de fato a MP era dura. Uma aposta alta, mas foi a única solução encontrada por Haddad. Segundo o ministro, "Não há plano B". Para ele, há uma preocupação grande porque a equipe econômica identificou fraudes nas compensações de PIS/Cofins. "Então, vamos ter de construir também uma alternativa para o combate às fraudes, mas eu já estou conversando com alguns líderes para ver se a gente encontra um caminho", disse Haddad a jornalistas.

Ao tentar minimizar a devolutiva do senado, o chefe da política econômica afirmou que há espaço para negociar a MP. " O Senado assumiu parte da responsabilidade de construir uma solução." De acordo com ele, o Executivo colocará toda a equipe da Receita Federal à disposição "para construir uma alternativa, uma vez que tem um prazo exíguo e que precisa ser resolvido".

Racional, Haddad sabe que, se não houver compensação, a saída será corte de gastos. Para julho está prevista a apresentação de um plano de contenção. Ele também tem falado de uma nova forma de vinculação dos pisos de Saúde e Educação, saídas que diminuam o volume dos gastos do governo, sem aumentar impostos. Tal solução também foi apontada pelo professor de gestão tributária da Fipecafi Arthur Pitman. "Seria mais produtivo começar a apresentar soluções na ponta do gasto, ao invés da ponta da arrecadação", disse.

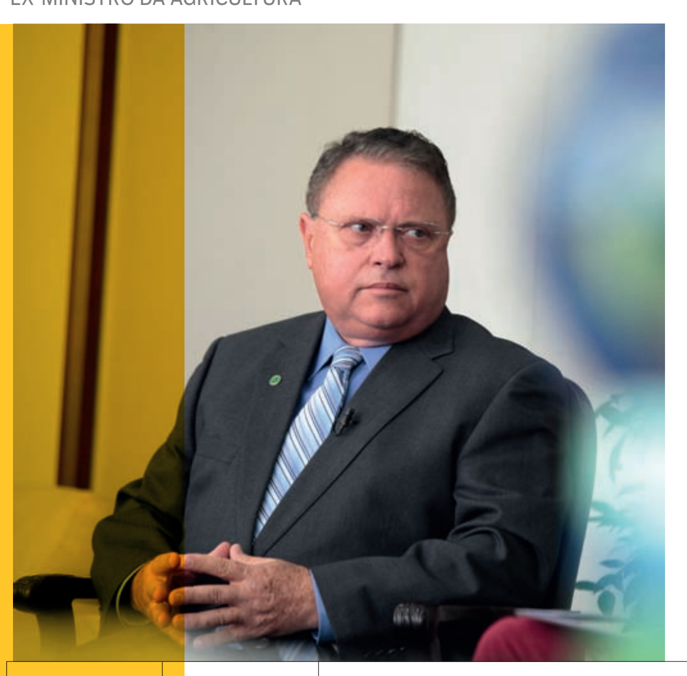


"NÃO HÁ PLANO B. AGORA VAMOS PRECISAR CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA PARA O COMBATE ÀS FRAUDES TRIBUTÁRIAS"

FERNANDO HADDAD
MINISTRO DA FAZENDA

"O GOVERNO NÃO CONSIDEROU AS CONSEQUÊNCIAS PERVERSAS PARA A COMPETITIVIDADE DAS EMPRESAS"

BLAIRO MAGGI
EX-MINISTRO DA AGRICULTURA



No entendimento do acadêmico, as justificativas do governo federal de que a revisão do PIS/Cofins seria uma forma de consertar as distorções do sistema tributário não se sustentam. "Isso porque trata-se de um cenário em que os setores mais afetados são justamente aqueles que passam a ser prejudicados pelo risco de cumulatividade, aumento relativo dos preços e prejuízo ao fluxo de caixa das empresas", afirmou.

PRESSÃO Liderando uma das frentes de pressão ao governo após o envio da MP estava o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Ricardo Alban. De acordo com ele, Lula entendeu que a proposta era muito agressiva e teria aceitado encerrar a discussão neste momento. Alban fez uma reunião, na terça-feira (11), com Lula, e um dos temas centrais foi a tramitação do texto. O receio era que, além do encarecimento da produção, a alta nos preços da ponta con-

 FOTOS: DIOGO ZACARIAS I DIVULGAÇÃO

tribuísse também para elevar a inflação, um tema sensível para um governo que busca redução da taxa básica de juros.

Nesse sentido, quem mensurou o impacto financeiro foi o Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP), que estima R$ 10 bilhões extras para o setor de distribuição de combustíveis. Pelos cálculos do IBP, a gasolina poderia apresentar aumentos de 4% a 7%, ou 0,20 a 0,36 real por litro, enquanto o diesel pode encarecer 1% a 4%, ou 0,10 a 0,23 real por litro com a medida. Não foram computados nesses valores impactos nos elos anteriores da cadeia, como o custo do produto. O IBP representa empresas como Raízen, Ipiranga, do grupo Ultra, e Vibra Energia, as três maiores distribuidoras de combustíveis do Brasil. Também de grande representatividade econômica, as mineradoras fizeram os cálculos e estimaram que, se levado adiante o projeto, o custo seria da ordem dos R$ 11 bilhões. O calculo foi feito pelo Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram).

E se não bastasse a pressão dos empresários, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que o governo e o Congresso têm 60 dias para encontrarem uma fonte de receita para compensar o prolongamento da desoneração da folha de pagamento a 17 setores da economia. Os Poderes Executivo e Legislativo também precisam compensar a redução, de 20% para 8%, da contribuição à Previdência pelas prefeituras de cidades com até 126 mil habitantes.

FRAUDES Para justificar as mudanças tributárias, Haddad tem defendido que a Receita Federal detectou até R$ 25 bilhões por ano em suspeitas de fraude no uso de compensações de PIS/Cofins. As compensações tributárias são um mecanismo por meio do qual as empresas obtêm descontos em tributos pagos a mais ao longo da cadeia produtiva. No entanto, brechas e exceções na legislação permitem que as companhias, por exemplo, usem créditos de PIS/Cofins para abater o pagamento de Imposto de Renda. “Vários empresários fazem uso indevido das compensações ao declarar créditos ilegítimos não reconhecidos pela Receita Federal”, justificou o ministro. Ele, no entanto, lembrou que nem todos os casos são fraudes. “Vamos responsabilizar criminalmente quem frauda dolosamente. Não o sujeito que, por falta de dinheiro, não conseguiu recolher imposto ou porque se enganou, não estamos falando disso”, acrescentou.

No entendimento de Haddad, ainda que Pacheco tenha devolvido ao governo o trecho que restringia as compensações de PIS e Cofins, foi bom ter mantido a determinação para que as empresas declarem, num sistema informatizado, os incentivos fiscais que recebem. “Essas medidas já servem para os contribuintes explicarem o que estão fazendo, dizerem qual lei está fundamentando a prevenção, o que facilita a fiscalização.” A fala otimista do ministro, no entanto, ignora uma prática comum dentro do emaranhado tributário brasileiro. Aquela em que a equação de dois mais dois (à moda Roberto Carlos) são cinco.



CORTE DE GASTOS
O especialista em tributação Arthur Pitman diz que, neste momento, é mais interessante encontrar soluções para dimnuir as despesas do governo





PRESSÃO EMPRESARIAL
Produtores do agronegócio e fabricantes entraram na linha de frente para que a MP do PIS/Cofins não tivesse vida fácil no Congresso

LULA NA MEDIAÇ

GOVERNO PERDEU 20 DAS 52 VOTAÇÕES DA CÂMARA EM MAIO, E PRECISA VIRAR O JOGO NA ARTICULAÇÃO PARA AVANÇAR COM A AGENDA ECONÔMICA NO SEGUNDO SEMESTRE

Paula CRISTINA



CALMA LÁ
Lula promete a Rodrigo Pacheco, presidente do Senado (esq.), e Arthur Lira, presidente da Câmara, mais pessoalidade na articulação política

Se no discurso oficial os assessores do presidente Lula indicam que as derrotas subsequentes do governo no Congresso Nacional são parte de uma democracia de coalizão, são as regras do jogo e engrandecem a discussão política, nos bastidores o tom é outro. Já são sete derrotas consecutivas no Congresso. Nem o crescimento do PIB, nem a popularidade acima da média do chefe da República, parecem funcionar como capital político para que o governo alcance vitórias. E se, em um primeiro momento, essa sequência de baixas só sinalizava que algo na relação entre os Poderes não ia bem, agora, com a agenda econômica precisando avançar antes das eleições municipais, rever a interface entre o Executivo e o Legislativo se tornou imperativo. E Lula precisará entrar no jogo para evitar uma goleada ainda maior.

Desde o ano passado, não foram poucas as vezes que o presidente Lula foi cobrado publicamente pelos presidentes da Câmara, Arthur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco, para entrar mais na articulação política — atualmente chefiada por Rui Costa (Casa Civil) e Alexandre Padilha (Relações Institucionais). Em todas as ocasiões, o presidente afirmou que melhoraria a interlocução com os parlamentares, algo que não aconteceu. À Dinheiro, Arthur Lira afirmou que não há qualquer tipo de desentendimento ideológico com o governo, apenas um esforço para que o diálogo se aprofunde. "Não há pressão por emenda parlamentar ou chantagem", disse. Segundo ele, a interlocução com o governo é boa, mas pode melhorar. "O interesse do Legislativo é melhorar as condições econômicas e sociais do governo."

DERROTAS Nos últimos seis meses, foram sete grandes perdas do governo na queda de braço com o Legislativo. Algumas delas da agenda de costumes, como o fim das saidinhas da população carcerária e o endurecimento do combate às fake news. Outras de cunho econômico, como o fim da desoneração da folha de paga-

AÇÃO POLÍTICA



> “NÃO SOMOS UMA CASA QUE APENAS CARIMBA TEXTOS. QUEREMOS DISCUTIR E ELEVAR A QUALIDADE DOS PROJETOS APRESENTADO PELO EXECUTIVO. ESTE É O RITO”
>
> **RODRIGO PACHECO**, PRESIDENTE DO SENADO

mento e a MP do PIS e Cofins, que reduzia a oferta de crédito tributário. Para Andreas Soares Lima, especialista político e consultor da CCJ do Senado para assuntos econômicos, o calendário eleitoral coloca pressão no governo para acelerar a apresentação de pautas, mas também põe em risco a aprovação. “O governo tem pulado etapas para garantir uma agenda mais dinâmica, com muitos textos correndo de modo concomitante. Mas os parlamentares interpretam que essa celeridade tira deles o espaço para o diálogo”, disse. O caminho, segundo ele, é reforçar a imagem de Fernando Haddad, ministro da Fazenda, que tem sido arranhada nos últimos meses, justamente pelos parlamentares entenderem que a Fazenda tem pecado na comunicação política com o Legislativo. Depois disso, uma solução seria colocar o Lula na articulação frontal, ou seja, marcando mais encontros e se mostrando mais presente nas negociações por bancada e partido. “Isso pode ajudar, ainda não é tarde demais”, disse.

Para os próximos meses, o governo precisa regulamentar seis pontos da reforma tributária, colocar em pé um novo plano para diminuir o déficit das contas públicas (seja aumentando a arrecadação ou cortando despesas). Também será necessário avaliar medidas que envolvem desindexação da economia, em especial em commodities dolarizadas como o combustível e energia, liberar recursos extraordinários para ajudar a reconstrução do Rio Grande do Sul, aprovar medidas tributárias para colocar o Brasil em conformidade com as práticas da OCDE, além aprovar recursos para programas como o Mover de incentivo à indústria. Em entrevista recente a jornalistas, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, disse que trabalha em linha com as prioridades do governo, mas não descartou atrasos. “Não somos uma casa que carimba textos. Discutimos e melhoramos. Este é o processo”, afirmou.

Político dos bons, o presidente Lula sabe que precisa melhorar o apoio na base. Um levantamento da consultoria Arko Advice, revelou que, em maio, apenas 46,47% dos deputados acompanharam a orientação do governo em votações na Câmara. Dos 52 textos votados em maio, o governo foi derrotado em 20, um número alto para um governo que, teoricamente, tem alianças de coalizão com mais da metade dos partidos políticos. Nos governos petistas passados, o segundo mandato de Dilma Rousseff foi o que mais pesou na articulação política, e o resultado já conhecemos.

Apesar das similaridades entre os dois, um dinossauro da política brasileira, há anos no Senado Federal, fez à reportagem da DINHEIRO uma definição assertiva sobre as diferenças na articulação política conduzidas por Lula e Dilma Rousseff. “Enquanto a Dilma quebra, mas não dobra, o Lula dobra, mas não quebra.” Chegou a hora de Lula provar sua capacidade de flexibilização.

46%
DOS AGENTES DA CÂMARA VOTARAM COM O GOVERNO NOS PROJETOS LEVADOS AO PLENÁRIO EM MAIO

20
DERROTAS PARA O GOVERNO NAS VOTAÇÕES DE MAIO. AO TODO FORAM 52 TEXTOS ANALISADOS

RECORDE DE R$ 100 BILH



A ARRECADAÇÃO DO SETOR DE SEGUROS BATE RECORDE NO PRIMEIRO TRIMESTRE, SEM CONSIDERAR O SEGMENTO DE SAÚDE. RESULTADO COMPROVA QUE O BRASILEIRO DESPERTOU PARA A IMPORTÂNCIA DE PROTEGER O PATRIMÔNIO

Jaqueline MENDES

O mercado brasileiro de seguros está voando baixo. No primeiro trimestre deste ano, a demanda por apólices de proteção de patrimônio, sem considerar o segmento de Saúde Suplementar (planos médicos), cresceu 13,7%, arrecadando pela primeira vez R$ 103 bilhões, segundo a Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg). Foi a primeira vez que a marca dos R$ 100 bilhões foi ultrapassada em apenas três meses. Apenas em março, esse montante foi de R$ 34,7 bilhões, 7,3% a mais que no mesmo mês de 2023. Em paralelo, até março de 2024, excluindo a Saúde Suplementar, o setor de seguros pagou, mais de R$ 56,9 bilhões em indenizações, be-

H ÕES NAS SEGURADORAS

> **Não há risco de nenhuma seguradora enfrentar problemas em relação [ao RS]"**
>
> **DYOGO OLIVEIRA**
> PRESIDENTE DA CNSEG

nefícios, resgates e sorteios, volume 5% inferior ao do mesmo período do ano passado. A queda ocorreu, principalmente, pela redução de R$ 3 bilhões no volume de resgates dos planos de Previdência Aberta da Família VGBL, redução de 9,9%.

De acordo com o presidente da CNseg, Dyogo Oliveira, o desempenho dos planos de Previdência Aberta no período pode ser resultado da influência de fatores como o aumento da preocupação com o futuro, particularmente com a aposentadoria, o envelhecimento e a necessidade de mais recursos por mais tempo. O executivo destaca que a redução no volume de resgates também pode ser atribuída a um maior dinamismo da renda familiar e das condições do mercado de trabalho.

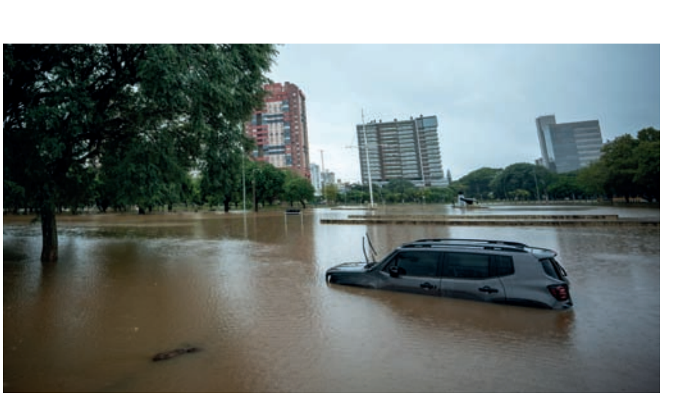
Um dos destaques do período foi o Seguro Habitacional. O produto é contratado obrigatoriamente em financiamentos imobiliários e serve como uma garantia fundamental para as operações de financiamento imobiliário, seja para aquisição ou para a construção de imóvel residencial. Este ramo avançou 10,7% no acumulado de janeiro a março de 2024, totalizando mais de R$ 1,7 bilhão em arrecadação. O setor ganhou visibilidade após a tragédia no Rio Grande do Sul. "Temos um papel fundamental. Não há risco de nenhuma seguradora enfrentar problemas em relação a isso [indenização aos gaúchos]." Pela ótica das indenizações, o produto retornou aos segurados R$ 412,5 milhões, 11,4% a mais que no primeiro trimestre de 2023. Para o segmento, inclusive, o mês de março teve o melhor desempenho nominal da série histórica (iniciada em 2007) em arrecadação, com R$ 573,3 milhões (+10,2%). No terceiro mês do ano, as seguradoras que comercializam o produto também constataram alta de 5,1% no pagamento de indenizações, aproximando-se de R$ 137,6 milhões.

O Habitacional, segundo o presidente da CNseg, garante, no mínimo, a quitação do saldo devedor do imóvel financiado, em decorrência dos riscos de morte e invalidez permanente do segurado e, caso ocorram danos físicos, a reconstrução do imóvel financiado. "Dessa forma, ele protege financeiramente todas as partes envolvidas, tanto o comprador do imóvel quanto a instituição financeira."

Hoje, o Seguro Habitacional contempla duas modalidades. O Seguro Habitacional em Apólices de Mercado garante a quitação do saldo devedor do imóvel financiado em caso de morte e invalidez permanente do segurado (MIP). E o Seguro Habitacional em Apólices de Mercado — Demais Coberturas, que se refere a coberturas dos riscos de Danos Físicos ao Imóvel (DFI) e outras coberturas que sejam contratadas adicionalmente. "Como incêndio, raio, explosão, vendaval, destelhamento, inundação ou alagamento", explicou Oliveira. Neste caso, detalha o executivo, a indenização paga pela seguradora deverá ser suficiente para a reposição do imóvel em estado equivalente ao que se encontrava antes da ocorrência do dano. S

14%
FOI O AVANÇO NA DEMANDA POR APÓLICES DE SEGURO NO PRIMEIRO TRIMESTRE

7,3%
FOI O AUMENTO DA DEMANDA POR APÓLICES EM MAIO, NA COMPARAÇÃO ANUAL



DEMANDA Enchentes e perdas no Rio Grande do Sul vão exigir mais disponibilidade financeira das seguradoras

XP ADERE AOS FUNDOS IMOBILIÁRIOS

Em busca de investidores que anseiam por mais renda com baixo risco, instituição financeira amplia a aposta nos FIIs

Jaqueline MENDES



 FOTOS: FREEPIK I DIVULGAÇÃO

Em tempos de juros em queda, incertezas econômicas, nervosismo na bolsa e aversão ao risco, a XP Investimentos decidiu lançar as primeiras operações envolvendo opções flexíveis para fundos imobiliários do mercado. Com objetivo de reduzir os riscos à volatilidade e aumentar a liquidez dos ativos, a nova estrutura foi pensada como uma proteção aos investidores, segundo o sócio e chefe da unidade de fundos da XP, Leon Goldberg. O registro das operações é feito na B3. O hedge em fundos imobiliários serve para que o investidor consiga evitar grandes prejuízos com a volatilidade dos seus investimentos em renda variável, garantindo o preço do ativo para a compra ou venda futura, sem necessariamente lucrar com a operação.

O lançamento é uma inovação da XP que será um marco para o desenvolvimento desse mercado no longo prazo, na avaliação de Goldberg. Investidores de FIIs visam, de modo geral, a renda passiva, e a volatilidade natural do mercado de capitais pode atrapalhar no retorno dos ativos. Assim, com a nova estrutura, a XP espera possibilitar a chegada de novos players e melhorar a liquidez dos fundos imobiliários, permitindo que o investidor proteja os seus FIIs da variação de preços, ou seja, reduzindo o risco de mercado.

Inicialmente, as opções flexíveis para FIIs serão disponibilizadas para aqueles que já possuem custódia das cotas, considerando uma lista de FIIs selecionados. A novidade será ofertada de maneira gradual a partir deste ano, sendo assim, clientes terão acesso ao produto via assessoria XP, na sequência, estará disponível a todo o mercado.

O número de investidores em FIIs ultrapassa 2,3 milhões de pessoas, segundo a B3, cerca de 13% do total de investidores. No ano passado, os fundos imobiliários mais indicados para 2023 apresentam retorno médio de 22% ao longo do ano, percentual equivalente ao dobro dos 11% do Ifix — índice dos FIIs mais negociados na Bolsa — espécie de média do mercado.

A participação de Fundos de Investimentos Imobiliários na locação de galpões industriais e de logística cresceu 54% nos últimos cinco anos, nos principais mercados do Brasil. Nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, 34% do estoque pertencia a fundos do tipo ao fim de 2023, ante 22% em 2018, segundo dados da consultoria imobiliária JLL. Esse período foi marcado por um forte crescimento do número de investidores em FIIs, que saltou de 208 mil para 2,5 milhões no mesmo intervalo.

54%
FOI O AVANÇO DOS FUNDOS PARA GALPÕES NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

POTENCIAL Para a XP, no entanto, o mercado de FIIs ainda é incipiente e tem muito espaço para desenvolvimento. Com a nova estrutura, a companhia traz ainda mais inovação à classe. A possibilidade de investidores adquirirem opções de fundos imobiliários (FII) listados tornou-se realidade com o lançamento dos primeiros produtos pela XP. Os investidores em FIIs geralmente têm um perfil rentista, apreciam o rendimento mensal, mas têm receio das oscilações do mercado, segundo Goldberg, em matério do *Valor*. "Percebemos que muitos desejavam controlar a volatilidade ou garantir seus investimentos."

O resultado do mercado de fundos imobiliários em 2023 é atribuído principalmente ao início do ciclo de cortes da taxa básica de juros da economia nacional, a Selic – que caiu de 13,75% para os atuais 10,5%. Quanto menor o indicador, menos rentável se torna a renda fixa – que utiliza a Selic como referência. O movimento estimula a procura de ativos de maior risco, como os FIIs, que acabam ganhando atratividade e valor na Bolsa.



POTENCIAL
Investimentos em fundos imobiliários comerciais, como centro de compras, ganham destaque entre os fundos de investimento

TEMU REDESENHA O VAREJO

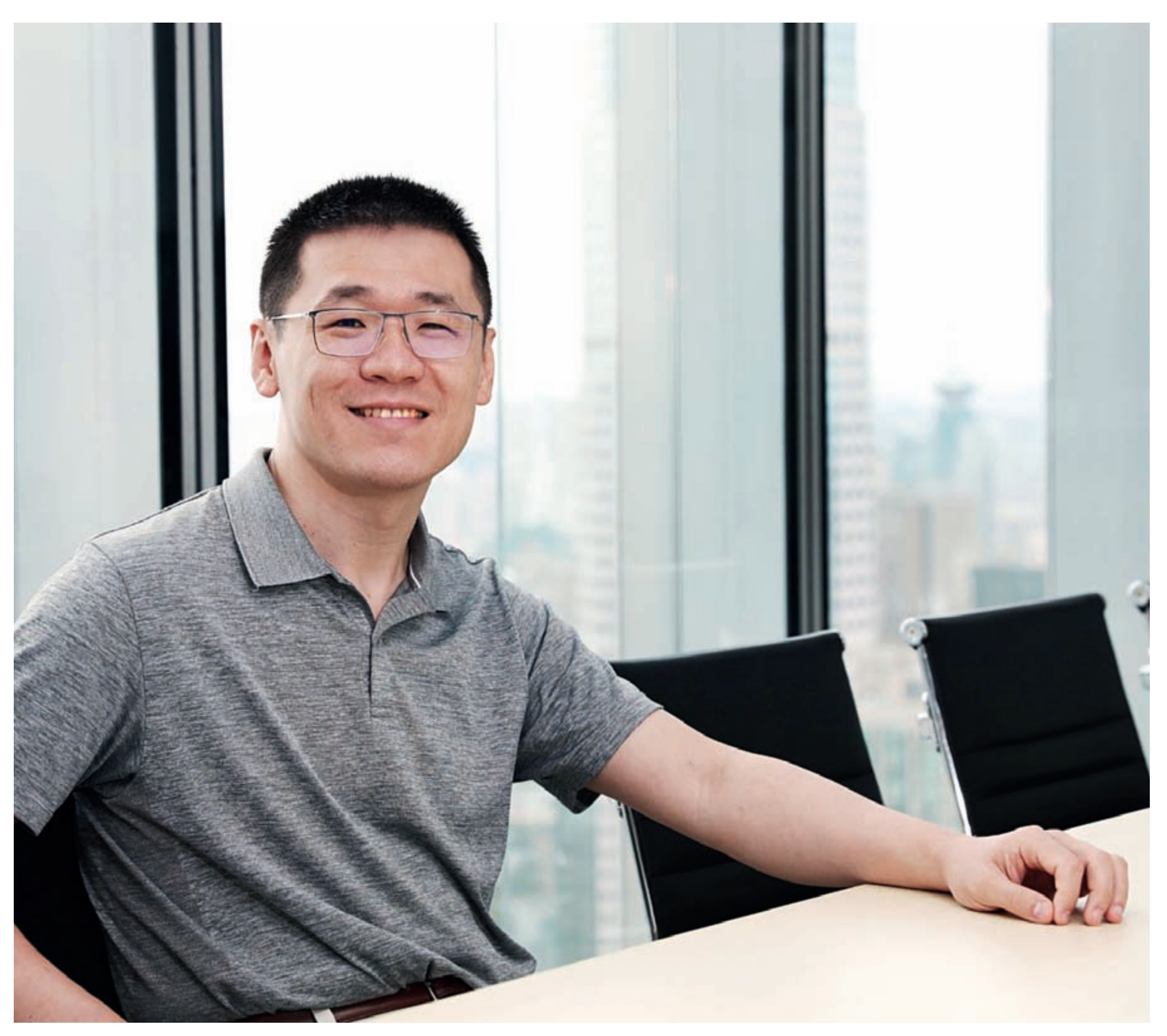
E-commerce chinês lançado em 2022 tornou-se um dos aplicativos mais baixados do mundo. Agora, desembarca no Brasil em meio à explosão do comércio digital de marcas estrangeiras. A "taxa das blusinhas" protegerá as lojas nacionais?

Letícia FRANCO, Beto SILVA e Paula CRISTINA



Depois de meses de espera, a Temu finalmente desembarcou no Brasil. O marketplace do grupo chinês Pinduoduo (PDD) começou a operar no País no dia 6 de junho, no momento em que o varejo atravessa crises de empresas nacionais como Americanas e Marisa, ao mesmo tempo em que as internacionais – Mercado Livre, Amazon, Shopee, AliExpress e Shein – decolam. Para tentar fazer frente ao avanço das estrangeiras, o Senado Federal e a Câmara aprovaram, neste mês, a taxação das compras internacionais de até US$ 50, popularmente apelidada de "taxa das blusinhas". Agora, o texto segue para a sanção do presidente Lula. Se esses fatores movimentam o setor, a Temu chega para abalar ainda mais. Presente em 18 países, a varejista digital é especializada em vender (quase) tudo a preços baixíssimos, com estratégias agressivas de descontos e


TEMU



Presidente e co-CEO da Pinduoduo, Lei Chen foca no longo prazo: "Estamos empolgados para oferecer produtos de qualidade a preços excelentes", declarou a companhia

fretes grátis, atraindo milhares de clientes por onde passa. Não dá para negar que há motivos de sobra para os concorrentes se preocuparem com a chegada da plataforma no País.

Os números da empresa justificam a visão atenta do mercado. Entrou em funcionamento pela primeira vez nos Estados Unidos em setembro de 2022, caiu no gosto popular e em apenas dois anos tornou-se o segundo aplicativo de compras mais usado no país, depois da Amazon, em termos de usuários mensais, de acordo com a Bloomberg. Logo ocorreu a expansão das operações para outras potências como Alemanha, França, Reino Unido e Canadá. Isso deu ao e-commerce a quinta posição no ranking de apps mais baixados no mundo em 2024, atrás somente das já tradicionais redes sociais TikTok, Instagram, Facebook e WhatsApp, segundo o portal App Magic.

Esse fenômeno é reflexo da estratégia da PDD, controladora da Temu, que visa crescimento global em longo prazo. A companhia saltou de um faturamento de US$ 4,3 bilhões em 2019 para US$ 34,9 bilhões no último ano. "Continuaremos focando no crescimento do nosso valor intrínseco de longo prazo através do investimento em iniciativas que tragam resultados sustentáveis e impactos em nossas comunidades", disse Lei Chen, presidente e co-CEO da Pinduoduo, no relatório financeiro de 2023.

No Brasil, a Temu chega com o apetite de conquistar os consumidores, especialmente pelos preços competitivos e acessíveis. Em nota enviada à DINHEIRO, a empresa afirmou que a entrada no mercado tupiniquim segue o plano de permitir que mais pessoas de todas as





GIGANTES ASIÁTICAS
As plataformas Shein e Shopee apostam em novas formas de compras e agressividade promocional para dominar o varejo brasileiro

classes sociais tenham acesso a produtos de qualidade. "Estamos empolgados para oferecer aos consumidores brasileiros produtos de qualidade a preços excelentes, conectando-os diretamente com fabricantes de classe mundial", afirmou. "Ao eliminar margens de lucro desnecessárias, estamos facilitando o acesso de todas as pessoas aos produtos que desejam e necessitam", complementou a companhia, que ainda não tem um executivo para liderar a operação no País. A Temu mira um mercado bilionário. O e-commerce brasileiro movimentou R$ 185,7 bilhões em 2023, segundo a Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm). A previsão para 2024 é que alcance R$ 205,11 bilhões, 10,45% superior ao ano anterior.

Com site e aplicativo já disponíveis em português, há mais de trinta categorias de produtos na prateleira digital da chinesa, entre eles moda feminina, masculina e infantil, eletrônicos, decoração, beleza e saúde e artigos para animais de estimação.

Em relatórios da XP, os analistas de varejo Danniela Eiger, Gustavo Senday e Laryssa Sumer apontaram que a plataforma estreou com uma estratégia promocional agressiva com descontos de até 90% para produtos selecionados, enquanto cupons de R$ 15 a R$ 50 de desconto também estão disponíveis para compras acima de R$ 175. No entanto, a companhia estabeleceu um pedido mínimo de R$ 75 para proceder o checkout, potencialmente como forma de otimizar os custos de frete. Outra iniciativa inovadora em relação à concorrência é que, caso os preços listados diminuam após 30 dias da compra dos consumidores, a Temu se compromete a reembolsar a diferença, o que também arregala os olhos dos consumidores brasileiros ávidos por compras com descontos e cashback.

CONCORRÊNCIA Enquanto a novata ainda desfaz as malas no Brasil, a Temu comemora os rápidos resultados nos Estados Unidos e no México. Poucos meses após o lançamento nesses países, a base de usuário aumentou e o app se tornou vice-líder e líder em usuários ativos mensais nesses respectivos mercados. Os players já esta-

NA DISPUTA
Em crescimento, Mercado Livre anunciou investimento de R$ 23 bilhões no Brasil em 2024. País é o maior mercado da empresa argentina



belecidos aqui têm respondido à entrada agressiva da Temu com estratégias e investimentos. O Mercado Livre – plataforma de origem argentina – anunciou em março o aporte de R$ 23 bilhões para as operações brasileiras neste ano, com o objetivo de preservar sua liderança e se posicionar melhor na batalha por atração e retenção de clientes.

O e-commerce da PDD entra para disputar os clientes com as plataformas asiáticas Shein, AliExpress e Shopee. Isso porque a Temu se assemelha ao modelo de negócios da Shein, que leva precisão e eficiência para uma performance ainda melhor dos fabricantes chineses, enquanto pode ser comparada com a proposta de valor da Shopee, com variedade de produtos. Segundo o especialista Alberto Serrentino, fundador da Varese Brasil e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo, há embate direto entre a Temu e a Shopee. “A Temu deve investir em vendedores locais, assim como fez nos Estados Unidos. Esse é o modelo de negócio da Shopee para atrair uma base maior de clientes em cada país”, afirmou.

Embora a comparação seja quase inevitável, a Shopee, e-commerce de Singapura que opera no Brasil desde 2019, não gosta de se colocar no mesmo balaio. À DINHEIRO, Felipe Piringer, head de marketing da Shopee, disse que a empresa é tão brasileira quanto as outras. “A operação brasileira tem foco local. Temos dois escritórios em São Paulo, mais de 10 mil colaboradores, além de centros de distribuição, galpões logísticos e pontos de coleta”, disse. Segundo Piringer, são 3 milhões de vendedores brasileiros na plataforma, como Havaianas e MadeiraMadeira, e mais de 90% das vendas são de lojistas locais.

Se entre as concorrentes internacionais a Temu causa preocupação, nas varejistas brasileiras a situação é ainda mais delicada. Muitas delas enfrentam fragilidades financeiras e a chegada de um player altamente competitivo pode deixar a disputa pelo mercado ainda mais acirrado. De acordo com um levantamento da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), a quantidade de itens de bens de consumo com valor de importação de até US$ 50 por unidade cresceu 35% em 2023 em relação a 2022. Lideraram as encomendas produtos originários da China (51,8%). Muito atrás estão Argentina (6,2%) e Paraguai (5,9%).

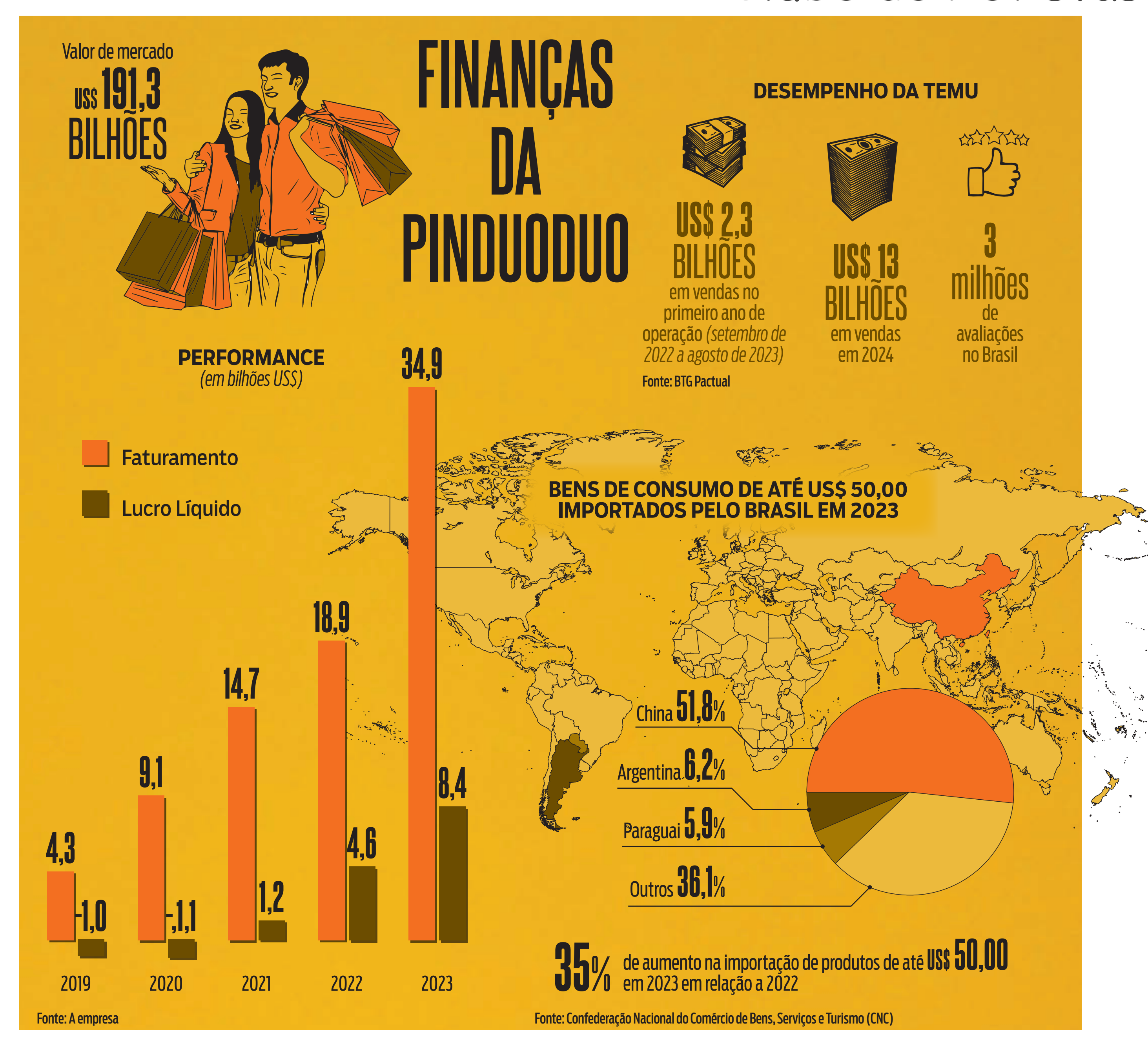
DIPLOMACIA Vislumbrando o potencial de mercado proveniente da aliança entre Brasil e China, o vice-presidente da República e chefe do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), Geraldo Alckmin, esteve no país asiático na primeira semana de junho em uma comitiva empresarial. O plano, segundo ele, era celebrar acordos e aproximar o empresariado chinês das oportunidades brasileiras. Entre os acordos firmados, destacam-se os R$ 24,6 bilhões autorizados em concessões de crédito para o mercado brasileiro de bancos chineses e o acordo para exportação de café de R$ 500 milhões.

Se o clima diplomático rondava os eventos de comemoração de 50 anos das relações entre Brasil e China na estada de Alckmin por lá, por aqui um assunto bem menos afável era tratado entre os importadores de produtos, em especial os chineses. A taxação do governo para compras internacionais acima de US$ 50, tópico sensível inclusive entre o eleitorado petista, foi aprovada no Congresso e seguiu para sanção presidencial. Na prática, a mudança surge como forma de proteger a indústria brasileira, como parte do pacote de renovação dos parques fabris promovido pelo governo com iniciativas como o Mover. Alckmin prega cautela ao falar sobre o assunto. “Enquanto governo, precisamos olhar o todo. A cadeia como um todo. O fato é que, como foi colocado, não



MERCADO Para Geraldo Alckmin, vice-presidente da República e ministro do Mdic, a Reforma Tributária abre espaços para a chegada de companhias estrangeiras

 FOTO: DIVULGAÇÃO



se trata de um valor muito alto. E, na contrapartida, é algo que ajuda a preservar emprego, garantir o desenvolvimento de empresas", disse ele à DINHEIRO, ao avaliar que o mundo tem observado o potencial de consumo brasileiro. "Estamos trabalhando para dar ao mundo a infraestrutura ideal. A reforma tributária, por exemplo, nos coloca em paridade com as melhores práticas mundiais e abre espaço para muitas empresas, inclusive as chinesas."

Mesmo impopular entre os cidadãos, em razão da percepção de que os preços dos produtos aumentarão, a medida não é vista como fim da linha para as asiáticas e não deve ser capaz de frear o bom momento das operações. Segundo Claudio Felisoni de Angelo, presidente do Instituto Brasileiro de Executivos de Varejo & Mercado de Consumo (Ibevar), se sancionada, a taxação terá efeito limitado para os consumidores. "Os preços das plataformas chinesas continuarão muito atrativos em relação aos ofertantes do mercado interno", afirmou. Em relatório divulgado no dia 7, analistas do BTG Pactual também apontaram que, mesmo com os impostos, ainda há posicionamento competitivo para essas plataformas com uma ampla variedade de produtos mais baratos. Dessa forma, as portas do Brasil estão escancaradas para as plataformas chinesas. O consumidor agradece. Os concorrentes nem tanto.



Operação brasileira da fabricante europeia contribui para a retomada global da empresa, com 120 encomendas. Engenheiros da Helibras atuam em projetos de aviões

Beto SILVA

O VOO DA AIRBU

Gilberto Peralta assumiu a presidência da Airbus Brasil em julho de 2020 em um dos piores momentos da história da aviação. Por conta da pandemia de Covid-19 que praticamente parou o mundo, milhares de aviões ficaram em solo. Aeroportos que estavam desativados foram reabertos, não para operar pousos e decolagens, mas para receber e estacionar as aeronaves que não tinham utilização naquele momento. A chegada de Peralta foi estratégica para a companhia ter um norte e um representante diante de um cenário de incertezas e inseguranças, e proporcionar mais proatividade da empresa que estava sem comandante no País desde 2015. Peralta também saiu da inatividade. Desde 2018 ele estava aposentado, após 40 anos na GE Aviation, onde começou como engenheiro mecânico de motor e atuou nos últimos quatro períodos como presidente da corporação. Foi essa bagagem que o credenciou a liderar a operação brasileira da Airbus e concomitantemente tomar assento na presidência do Conselho de Administração da Helibras, a única fabricante brasileira de helicópteros e subsidiária da Airbus Helicopters. Quatro anos se passaram desde que o executivo chegou à fabricante de aeronaves. O momento é outro. O problema é outro. Agora, um problema bom, se é que assim podemos dizer. Se antes os aviões estavam no chão, hoje há recordes de decolagens, pousos, cargas e passageiros. E, consequentemente, encomendas de novas

DOLORTIE LOREO
Olorer suscil ulla facidui smolendit nonse consequisim eu feu feu facip euipit in ute vulla conse sit, sit velis nullputatie m utpatem dolortie dolore ming

BUS NO BRASIL

aeronaves para a líder global do segmento. O desafio tem sido as entregas, segundo Peralta. “Os clientes estão desesperados, querendo que nós aceleremos as entregas”, disse o presidente à DINHEIRO.

Atualmente, a capacidade da Airbus é de 60 aviões entregues por mês. O planejamento, a partir de investimentos nas linhas de produção em plantas de Hamburgo (ALE) e Toulouse (FRA), é atingir 75 aeronaves mensalmente. Companhias aéreas brasileiras estão à espera de suas encomendas, principalmente do modelo A320, o carro-





OS CLIENTES ESTÃO DESESPERADOS, QUERENDO QUE NÓS ACELEREMOS AS ENTREGAS [...] O BRASIL É UM MERCADO MUITO IMPORTANTE PARA NÓS. É O PRINCIPAL DA AMÉRICA LATINA E DO HEMISFÉRIO SUL ”

GILBERTO PERALTA,
Presidente da Airbus Brasil

RECEITA NAS NUVENS
O modelo A330 da Airbus é um dos mais vendidos do mundo. Com setor aquecido, encomendas estão em alta

-chefe, ou melhor, o avião-chefe da fabricante. São 120 aviões com notas de compra emitidas no Brasil, o que vai aumentar o share da Airbus entre 65% e 70% das aeronaves que operam no País. Hoje, com as 180 aeronaves da marca, a participação é de 57%. "O Brasil é um mercado muito importante para nós. É o principal da América Latina e do Hemisfério Sul", disse Peralta.

Uma performance ancorada na retomada do setor aéreo. Em 2023, houve aumento de 10,5% nas decolagens e 15,3% no total de passageiros transportados em relação a 2022, segundo o Anuário do Transporte Aéreo publicado pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). Foram 911 mil decolagens domésticas e internacionais, com 113 milhões de passageiros. A oferta de assentos (ASK, mensurada em assentos por quilômetro ofertados) foi a maior registrada nos últimos 10 anos.

Números que geram resultados financeiros para as companhias aéreas e para as fabricantes como a Airbus, que tem se recuperado do tombo do período pandêmico. Em 2019, antes de o mundo parar por conta do coronavírus, a empresa registrou faturamento global de 70,5 bilhões de euros, com 768 aeronaves entregues. Em 2020, a receita foi de 49,9 bilhões de euros, com 566 aviões entregues. De lá para cá, crescimento paulatino, até fechar o ano passado com 65,4 bilhões de euros em vendas e 735 aviões entregues. Ainda abaixo de 2019, mas com boas perspectivas de bater o desempenho de cinco anos atrás.

Melhorar a operação brasileira, para contribuir ainda mais com os resultados globais, é possível e está nos planos de Peralta. Mas tem esbarrado no governo. Para a Airbus, a ampliação do Aeroporto de Itajubá (MG), onde está a sede da Helibras, é fundamental para evolução da companhia. No ano passado, foi anunciado aporte de R$ 100 milhões no local, mas as obras não têm andado. "Nós poderíamos aumentar nossos investimentos se tivéssemos um aeroporto operacional", disse o presidente da



 FOTOS: DIVULGAÇÃO



empresa, que possui um heliponto e um hangar no aeroporto.

Se a melhoria na infraestrutura estivesse concluída, o aeroporto poderia receber material para fabricação de helicópteros que hoje chegam por caminhões a Itajubá. E o hangar, construído para montar o modelo H-225, um helicóptero grande, o que significa que o espaço pode ser utilizado para manutenção de aviões também. "Um aeroporto melhor equipado daria mais flexibilidade à nossa operação", disse Peralta, que recentemente esteve com o ministro Silvio Costa Filho, de Portos e Aeroportos. O café estava bom. A conversa também. Mas falta ação. E sobra dinheiro para a Airbus investir.

Para Emerson Eduardo Moraes, especialista em aviação, inspetor, perito aeronáutico e militar da reserva da Força Aérea Brasileira, apesar das dificuldades do mercado nacional — sejam estruturais, de gargalos logísticos, elevados custos de operação, altas taxas e impostos —, as estimativas apontam para um crescimento de até 10% no setor. "A Airbus se insere no mercado de curto e médio alcances utilizando-se da expertise adquirida na própria Europa", ao destacar que a linha de aviões da família A320, que segue com as versões A318, A319, A320 e A321, somadas às aeronaves modelo A220 (antigo Bombardier CSeries,) cobre uma parte significativa da demanda doméstica.

HELICÓPTEROS Cerca de 60% dos helicópteros do Brasil são da Helibras. No setor de segurança, que envolve Forças armadas e polícias militares dos estados, rodoviárias e federal, o share da marca chega a 80%. A empresa tem um campo de provas para treinamento de pilotos no Rio de Janeiro e uma base operacional e administrativa no Campo de Marte, em São Paulo. Mas a maior estrutura está mesmo em Itajubá. Com o mercado de aviões mais preponderante do que de helicópteros, desde o ano passado os engenheiros da Helibras estão atuando em projetos de aviões. O pacote de desenhos chega da Europa para os profissionais brasileiros. "Dessa forma, mantemos nossa força de trabalho especializada", disse Peralta. Assim, a Airbus segue alçando voos mais altos no Brasil.

€ 49,9 BILHÕES

FOI A RECEITA GLOBAL DA AIRBUS EM 2020, QUANDO O MUNDO PAROU EM DECORRÊNCIA DA PANDEMIA DE COVID-19. O SETOR DE AVIAÇÃO FOI UM DOS MAIS AFETADOS NO PERÍODO E OS PEDIDOS DESPENCARAM

€ 65,4 BILHÕES

FOI O FATURAMENTO DA FABRICANTE EUROPEIA EM 2023, UM AVANÇO DE 31% DEPOIS DO TOMBO NAS VENDAS EM 2020, OCORRIDO PELO EFEITO NEGATIVO DA PANDEMIA DE CORONAVÍRUS



NOVOS RUMOS Com o mercado de aviões mais preponderante do que o de helicópteros, desde o ano passado os engenheiros da Helibras estão atuando em projetos de aviões. À direita, o modelo militar H-225, da Helibras

INSIDER VESTE O DIGITAL BÁSICO

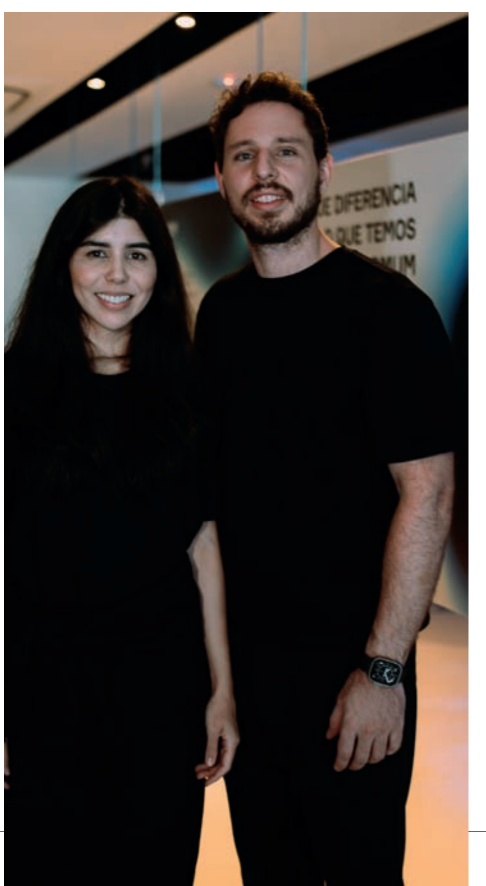


Fabricante de camisetas premium está em todos os cantos do YouTube, conquista o mercado e atrai o interesse de grandes players. Mas segue na sua essência

Allan RAVAGNANI

Quem já assistiu algum podcast ou os vídeos de alguns dos maiores canais do YouTube não passou batido pela Insider. A empresa de camisetas básicas premium investe pesado em publicidade na plataforma de vídeos e já é um dos maiores players on-line de seu setor. Superando recentemente a Hering em roupas básicas na internet, já vendeu mais de 4,4 milhões de produtos, tem 600 mil clientes em sua base e uma taxa anual de crescimento acima de 100% desde sua fundação, em 2017. Para 2024, a projeção é avançar 165% em receitas.

A Insider nasceu a partir da necessidade e soluções para o vestiário. Incomodado com as manchas nas camisas utilizadas para o trabalho, as famosas 'pizzas', Yuri Gricheno, CEO e cofundador da companhia, teve a ideia de desenvolver uma undershirt com tecnologia para controle de suor. Foi com este produto que entrou



FUNDADORES
Carol Matsue e Yuri Gricheno participaram do programa Stanford Ignite, da Y Combinator's Startup School e do programa Endeavour Outliers Scale-Up

 FOTOS: DIVULGAÇÃO





QUARTEL GENERAL
O escritório central ocupa um andar na Avenida Paulista e concentra as principais operações administrativas

no mercado sete anos atrás, juntamente à sua sócia, Carol Matsuse, cofundadora e COO da marca. O ponto de virada da marca se deu em 2020, quando, durante a pandemia, a venda de camisetas para serem usadas por baixo de camisas despencou. A resposta foi dada com tecnologia. A Insider criou máscaras com tecnologia antiviral nos tecidos e no ano seguinte lançou a Tech T-Shirt, carro-chefe do grupo, com fibra de origem natural que promete não desbotar, ser antiodor e desamassar no corpo.

Olhando hoje para a Insider, a marca está em grande exposição com o marketing de influência nas redes sociais. O CEO, no entanto, afirma que não faz nenhuma loucura com o dinheiro e que a empresa precisa ser sustentável. Gricheno recebeu a DINHEIRO em uma sala de reunião no moderno escritório da empresa, que ocupa um andar inteiro de um prédio no final da Avenida Paulista, no coração de São Paulo, onde falou sobre a filosofia da empresa, posicionamento de marca, planos para o futuro, entre outros temas. Inicialmente concebida para atender à demanda masculina, a empresa ampliou o portfólio e hoje a linha feminina já tem 57 produtos, contra 28 voltados para o público masculino, além de quatro opções unissex.

No lado financeiro, Gricheno afirmou que a empresa sempre deu lucro e nunca recebeu investimentos. "No início a gente se financiava com empréstimos de bancos, nunca tivemos uma rodada de investimentos, até por isso nós não podemos nos dar ao luxo de operar no prejuízo", afirmou.

Além disso, os sócios preferem trabalhar sem divulgar algumas informações financeiras como faturamento e margem Ebitda. "A gente não divulga por conta da concorrência. Passamos a Hering e já existem grandes players de olho na gente. Então, não damos muita pista", completou, reiterando que não pensam em vender a empresa para que não seja modificada sua identidade. "Nós somos uma empresa on-line, não pensamos em ir para o varejo físico agora, também somos uma empresa de produtos premium, um produto que agrega mais valor. Nossas camisetas não são feitas com algodão, são feitas com modal, que é um tecido mais nobre, mais caro, porém, mais confortável e que garante as principais características dos produtos da marca", disse. Segundo o executivo, se a empresa fosse comprada por um grande grupo, ela perderia sua essência, passaria a vender no varejo físico, teria produtos em tecidos menos nobres, como poliéster e algodão, podendo perder clientes fiéis em troca da massificação.

PRODUÇÃO Em modelo Asset Light, a Insider não tem uma estrutura fabril. A empresa trabalha com parceiros estratégico em toda a cadeia têxtil, desde a importação da fibra, passando pelas fiações que produzem o fio, as mais de dez malharias e 20 confecções que fazem a montagem final do produto. "Toda a cadeia é fiscalizada e auditada para se garantir condições de trabalho dignas", afirmou. Apesar de não centralizar a produção, Gricheno garante que todo o processo é acompanhado de perto, trabalhando a quatro mãos, seguindo os parâmetros do time interno, que desenvolve o produto desde o estilo das roupas até as tecnologias têxteis que podem ser incorporadas em todo o processo, para garantir a qualidade final.

NEC EM TRANSFORM

Multinacional japonesa de tecnologia tem forte atuação em infraestrutura de telecomunica ç serviços de cidades inteligentes e soluções corporativas no Brasil



São 18,5 mil quilômetros que separam o Brasil do Japão. A distância não impediu que a multinacional japonesa de tecnologia NEC colaborasse com a transformação digital brasileira ao longo das últimas décadas. A empresa completa 125 anos em julho, 55 deles no Brasil. Nesse período, forneceu e instalou os primeiros equipamentos de transmissão de TV em cores no País; atuou para implementação do primeiro rádio digital brasileiro; trabalhou pela estação terrena de comunicação via satélite, o Brasilsat; no sistema celular analógico e digital no País e no primeiro supercomputador nacional, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), de São José dos Campos (SP). A companhia que transforma também se transformou. Ganhou corpo nas últimas décadas com o desenvolvimento do segmento de telefonia e telecomunicações, responsável por 80% do faturamento no Brasil. Nesse setor, em que oferece infraestrutura, a América Latina é responsável por 55% da receita global da empresa, que fechou 2023 com US$ 22,3 bilhões de faturamento. A transformação continua. Agora, a NEC, reconhecida por seus equipamentos e hardwares, foca também em prestação de serviços nas áreas de cidades inteligentes, identificação digital e redes de segurança, além de atender o mercado corporativo. "Vamos manter nosso ritmo com as telecom, mas vamos

 FOTOS: DIVULGAÇÃO | VALOR

RMAÇÃO

ca ções e agora avança em

Beto SILVA





> VAMOS MANTER NOSSO RITMO COM AS TELECOM, MAS VAMOS AMPLIAR A ATUAÇÃO EM SERVIÇOS, COM PORTFÓLIO MAIS VARIADO, PARA GERAR RECEITA RECORRENTE

JOSÉ RENATO GONÇALVES
PRESIDENTE DA NEC NO BRASIL

IDENTIDADE DIGITAL
NEC fornece à Japan House um sistema de Inteligência Artificial em vídeo, com a plataforma de reconhecimento facial, além um totem de autoatendimento

ampliar nossa atuação em serviços, com portfólio mais variado, para gerar receita recorrente", disse à DINHEIRO José Renato Gonçalves, presidente da NEC no Brasil.

Com esse movimento, a companhia fechou 20 novos contratos no País em 2020. A expectativa é de que a operação brasileira acelere o crescimento, que tem sido em média de um dígito alto a dois dígitos baixos nos últimos anos. "Devemos alcançar dois dígitos altos de aumento no faturamento entre este ano e o ano que vem", afirmou Gonçalves.

Um dos cases recentes de destaque da NEC é com a Japan House São Paulo — a relação com a instituição nipônica não é mera coincidência, pois a empresa mantém negócios com diversas outras corporações japonesas que atuam no Brasil nas áreas automotiva e de saúde, principalmente. Na Japan House, a NEC fornece sistema de Inteligência Artificial em vídeo, com a plataforma de reconhecimento facial, além do Sistema de Orientação ao Visitante, usado como um totem de autoatendimento. Ainda na linha de identificação digital, são clientes da NEC o Governo do Estado de Goiás e a Receita Federal.

Outro trabalho relevante foi feito na Arena de Pernambuco, estádio utilizado na Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Nela, a NEC implementou sua solução para Gestão de Arenas, uma infraestrutura tecnológica de informação e comunicação única: união da infraestrutura de TI com o sistema de comunicação, de gerenciamento, automação e segurança. No Rio de Janeiro, têm visibilidade os projetos no Aeroporto RioGaleão e no Porto do Açu.

Pelo lado de cidades inteligentes, que vai avançar no Brasil, o exemplo está na capital argentina. Em Buenos Aires, a empresa instala totens de emergência e paradas seguras de ônibus urbanos, para prevenir crimes e atender a potenciais casos de urgência dos cidadãos. A infraestrutura contempla 120 abrigos que serão integradas com o Centro Municipal de Operações e Monitoramento através do CitySensAI, o orquestrador de múltiplos sistemas, sensores e dispositivos desenvolvido pela NEC. Assim, a companhia japonesa segue transformando — e em transformação.

Kärcher mira na diversificação



UMA LIMPEZA ESTRATÉGICA
Para o executivo Marco Dutra, que comanda a operação brasileira, aumentar o portifólio é o caminho para crescer no País

 FOTOS: CLAUDIO GATTI | DIVULGAÇÃO

COMPANHIA ALEMÃ LÍDER NO SEGMENTO DE LIMPEZA APOSTA NO AUMENTO DE PORTIFÓLIO PARA DOBRAR DE TAMANHO EM CINCO ANOS. O PLANO É OLHAR MAIS PARA DENTRO DE CASA E MENOS PARA O JARDIM

Hugo CILO

Quando assumiu o comando da subsidiária brasileira em julho de 2019, o presidente da Kärcher no País, Marco Dutra, definiu como prioridade para a empresa a diversificação. Líder no setor de lavadoras de alta pressão no Brasil e no mundo, com faturamento global de 3,3 bilhões de euros no ano passado, a operação estabeleceu a estratégia equilibrar os segmentos industrial e residencial para evitar que adventos como uma pandemia, como a que ocorreu com a Covid-19, contaminasse os resultados financeiros do grupo. "Nosso plano foi, basicamente, sair do jardim e ir para dentro de casa", afirmou Dutra à DINHEIRO, na fábrica da empresa em Vinhedo (SP). "Desde então, quase dobramos nosso portifólio no País e hoje temos mais de 80 produtos, desde aspiradores robôs e equipamentos domésticos de limpeza de estofados e carpetes", disse.

Com a estratégia, em cinco anos a empresa quer dobrar de tamanho no Brasil, segundo Dutra. Nesse período, a participação do segmento residencial, que hoje responde por 40% das vendas no Brasil, deve crescer para 50%. "Para crescer em equipamentos domésticos, estamos trabalhando na nacionalização dos produtos. Temos investimentos de R$ 10 milhões em dois anos para elevar esse índice para mais de 90%", acrescentou o presidente.

Além da tropicalização dos produtos e da aposta em soluções domésticas, a Kärcher quer turbinar os negócios com a venda pela internet e itens com apelo de baixo consumo de água — um argumento de peso em tempos de clima extremo. Segundo Dutra, as vendas pelo e-commerce da empresa, que hoje responde por 7% dos resultados, vão passar de 20% até 2027, puxado por esses aparelhos mais modernos e eficientes. "Queremos consolidar nossa liderança e avançar em segmentos em que estamos iniciando agora", afirmou.

TRADIÇÃO Toda a estratégia global tem o aval da matriz e a expansão local se apoia na força da marca, segundo o presidente. A Kärcher, fundada na cidade alemã de Winnenden em 1935 por Alfred Kärcher, é mundialmente reconhecida como líder global em tecnologia de limpeza. A companhia se destacou inicialmente no desenvolvimento de aquecedores submersíveis e mais tarde ganhou notoriedade com a invenção do primeiro lavador de alta pressão na Europa, em 1950. Ao longo dos anos, a Kärcher expandiu sua linha de produtos para incluir uma vasta gama de soluções de limpeza para uso doméstico, comercial e industrial, tais como aspiradores de pó, limpadores a vapor, varredeiras e sistemas de tratamento de água.

No Brasil, a Kärcher iniciou suas operações em 1975, estabelecendo sua primeira fábrica em Vinhedo, no estado de São Paulo. Desde então, a empresa tem ampliado significativamente sua presença no país, tornando-se um nome bem conhecido no mercado brasileiro de equipamentos de limpeza. As operações no Brasil são estratégicas não apenas pela produção local, mas também pela adaptação dos produtos às necessidades específicas do mercado latino-americano.

A Kärcher Brasil oferece uma ampla gama de produtos, desde equipamentos residenciais, como lavadoras de alta pressão e aspiradores de pó, até soluções profissionais e industriais, incluindo limpadoras de piso, sistemas de limpeza para veículos e equipamentos para a construção civil. Além disso, a empresa investe fortemente em pesquisa e desenvolvimento, buscando sempre inovar e melhorar a eficiência de seus produtos, mantendo um compromisso constante com a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente.





FOCO DOMÉSTICO
Além de ampliar a oferta de produtos, com aspiradores robôs e máquinas de limpeza de estofados, a empresa investe na nacionalização dos equipamentos

10 PERGUNTAS PARA

SILMARA FERRARESI

DIRETORA DO MOVIMENTO SOU DE ALGODÃO

Letícia FRANCO



Não basta o look ser bonito e cair bem. Saber a origem e o processo de desenvolvimento das peças de roupas é uma exigência de uma geração de consumidores cada vez mais consciente, em busca da sustentabilidade. Segundo pesquisa do Instituto Locomotiva, nove em cada dez brasileiros valorizam a compra de roupas, calçados e acessórios produzidos de maneira sustentável. Para estimular esse tipo de consumo, foi criado, em 2016, o Movimento Sou de Algodão, que envolve todos os agentes da cadeia produtiva e têxtil do algodão — insumo que responde por 54% dos tecidos utilizados pela indústria têxtil nacional —, desde produtores até o consumidor final. A luz dessa passarela se volta para as marcas, que segundo Silmara Ferraresi, diretora do projeto, são responsáveis por dialogar com o público. Hoje, a iniciativa da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa) reúne mais de 1,5 mil marcas parceiras, contemplando varejistas do porte de Renner, C&A e Riachuelo e 70 estilistas, com nomes como Reinaldo Lourenço e Martha Medeiros.

"O MERCADO DA MODA DEVE SE PREPARAR PARA UM CONSUMO MAIS CONSCIENTE"

Como surgiu o Movimento Sou de Algodão?
A Abrapa já tinha um programa de sustentabilidade e de responsabilidade na produção de algodão há alguns anos, mas as informações não chegavam ao consumidor final. Então, em 2016, criamos o Movimento para divulgar e incentivar o uso da fibra de maneira sustentável, com certificação socioambiental. Além disso, estudos mostraram que, apesar de avanços de conscientização do consumidor, havia desconhecimento sobre as origens e desenvolvimento das peças de roupas. Isso à medida que o algodão, em específico, perdia espaço no mercado, principalmente para os tecidos sintéticos, que são mais acessíveis financeiramente. Portanto, vimos a oportunidade de promover a sustentabilidade na moda através da união de todos os agentes da cadeia, desde o campo até a prateleira das lojas, oferecendo transparência sobre as etapas ao consumidor.

Qual a importância das marcas nesse processo?
As marcas são fundamentais, porque são elas

que se relacionam diretamente com o consumidor, ajudando a levar informações sobre a sustentabilidade da peça. Começamos o trabalho de rastreabilidade com a Reserva e a Renner. Hoje temos parcerias com mais de 1,5 mil marcas. A gente procura dar visibilidade e ajudar as empresas a se posicionarem de maneira diferente em relação à sustentabilidade, já que esse tema tem sido pauta recorrente, visto o engajamento das mesmas na agenda 2030. As marcas têm, de fato, se comprometido com a sustentabilidade dessa cadeia, sendo um agente indispensável na educação de um consumo consciente. Só em 2023, as varejistas colocaram na prateleira mais de 68 mil peças rastreadas pelo programa SouABR, ante 59 mil em 2022.

O que ainda falta para as marcas nesse caminho pela moda sustentável?
A gente precisa que as marcas estejam realmente dispostas e engajadas nesse propósito. Promover a sustentabilidade na moda envolve muitas transformações e investimentos, mas é necessário ter uma visão diferente e ver que esse comprometimento agrega muito valor e também retorno financeiro. No caso do programa SouABR, o primeiro de rastreabilidade por blockchain da indústria têxtil nacional, que permite que o consumidor saiba tudo da peça através da leitura de um QR Code nas etiquetas, observamos a dificuldade de rastrear de ponta a ponta, pois é necessário engajar muito bem com fornecedores, segregar o material, etc. Nossa exigência é de ter, no mínimo, 70% da fibra na composição do que se leva no corpo.

E quais os principais avanços?
É possível notar que as varejistas estão se preocupando cada vez mais com os preços e qualidade das peças, para torná-las mais acessíveis e atraentes. A moda está relacionada com identidade e beleza, então precisamos de peças com designs inovadores para que elas sejam vendidas. Além de oferecê-las a preços acessíveis, incentivando e democratizando o acesso dos consumidores. Outro avanço é a popularização da rastreabilidade das peças. O SouABR revolucionou a indústria ao permitir que os produtos que chegam ao varejo sejam 100% rastreáveis. Isso dá fôlego ao algodão, uma fibra leve e sustentável e muito presente no dia a dia do consumidor.

Esse movimento do mercado ocorre à medida que o consumidor se torna mais consciente?
Sim, pesquisas apontam que o consumidor, especialmente da geração mais nova, busca adquirir produtos com atributos sustentáveis, colocando a sustentabilidade como valor inerente. Dessa forma, o mercado se movimenta para educar o público e mostrar seus trabalhos em torno disso. Embora a conscientização seja uma tendência, há um paradoxo: os consumidores não estão dispostos a pagar mais por uma peça sustentável, mas ao mesmo tempo, eles deixariam de comprar produtos prejudiciais ao meio ambiente. A questão financeira ainda pesa bastante, o que leva o público, mesmo mais consciente, a comprar roupas consideradas poluentes, porém com preços acessíveis.

Como o algodão se destaca no mercado atual visto a acelerada expansão de tecidos sintéticos?
O algodão perdeu muito espaço para as malhas sintéticas, que se popularizaram nos últimos anos por conta dos valores mais acessíveis. Porém, as peças feitas de algodão são muito mais confortáveis, enquanto as sintéticas são uniformes. Então, o desafio é comunicar os benefícios do algodão e seus aspectos sustentáveis para ganhar um público cada vez mais consciente. Trata-se de uma fibra natural confortável, hipoalergênica, que está na base da economia circular, podendo ser reciclada e reaproveitada de inúmeras formas. As peças de algodão são conhecidas pelo conforto, como se te abraçasse, e por seu reaproveitamento indiscutível.

A indústria da moda é considerada altamente poluente, como ela tem mirado em uma produção mais sustentável?
De modo geral, a indústria têxtil do País se preocupa muito com atributos de sustentabilidade. Há um avanço considerável. No caso do algodão, toda a cadeia tem se comprometido a ser mais responsável e transparente, como na etapa de confecção, na qual há cuidado de fazer toda a certificação. Isso é fundamental. A grande questão é comunicar as melhorias. Por exemplo, a indústria local se destaca em relação aos estrangeiros quando o assunto é a transparência sobre quem fez a peça e em quais condições foram produzidas. É necessário usar isso a nosso favor.

Em relação às outras indústrias que passaram a dar mais visibilidade a seus processos, o setor da moda largou com atraso?
O setor de alimentos obviamente acabou se movimentando primeiro, porque a exigência do mercado veio antes. Para os alimentos, essas obrigações de rastreabilidade e transparência sempre vêm antes. É possível observar a mesma preocupação na cadeia da moda, que eu considero muito positiva. Até mesmo como consumidora, já vejo mudanças muito significativas nos últimos tempos. Já no Sou de Algodão, a gente tem mais marcas a cada ano, que se interessam pela rastreabilidade e como tornar o processo mais sustentável e benéfico.

Como a moda pode ser sustentável e ao mesmo tempo democrática?
No movimento, levamos a sustentabilidade e rastreabilidade da fibra na mão do consumidor, por meio do trabalho coletivo de todos os agentes. Então, acredito que a moda pode ser sustentável e democrática à medida que isso alcança de fato o consumidor final, de diferentes classes sociais. Quando grandes varejistas se associam ao projeto, há possibilidade das peças serem comercializadas para as classes A, B, C e D, com preços variados. A moda só é sustentável quando pode ser acessada pelo público final, que ainda tem a oportunidade de se informar através do produto adquirido.

E o futuro?
O futuro está justamente na matéria-prima que tem apelo de responsabilidade, que realmente tenha atributos sustentáveis. Não apenas para o algodão. As perspectivas são boas. Por exemplo, as marcas parceiras têm pedido dados a respeito de consumo de água e carbono, isso mostra engajamento e responsabilidade. Estamos estudando algumas maneiras para levar mais informações de forma confiável e que possam integrar nossa rastreabilidade. Além disso, o futuro está atrelado ao coletivo e valorização da academia, da educação. É um trabalho contínuo. S



RESÍDUOS
Empresa deixou de descartar no meio ambiente quase 680 toneladas de EVA, matéria-prima usada na fabricação de tênis

MENOS LIXO, MAIOR IMPULSO

Vulcabras amplia economia circular e reduz mais de 1.400 toneladas em emissões de CO2 com práticas sustentáveis em suas plantas

Allan RAVAGNANI

Como uma empresa que trabalha essencialmente com produtos à base de borracha poderia falar em sustentabilidade e ESG? A Vulcabras topou o desafio. A fabricante de tênis de corrida e artigos esportivos ampliou seus processos de economia circular nas unidades produtivas de Horizonte (CE) e Itapetinga (BA), além de seu Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Parobé (RS), as quais resultaram em uma significativa redução de insumos e reaproveitamento de resíduos, culminando na diminuição de 1.443,9 toneladas de CO2 equivalente (CO2e) em 2023, na comparação com 2022.

Para alcançar esses resultados, a Vulcabras implementou uma série de ações conduzidas por uma equipe multidisciplinar que identificou oportunidades de reu-



ESPORTE Thaiany Assad lembra que a calçadista foi a primeira do Brasil a utilizar energia eólica na produção de 100% de seus calçados

tilização de materiais e aprimorou os processos de coleta, visando maior eficiência e conformidade ambiental. Foram realizados treinamentos sobre coleta seletiva e destinação de resíduos para os colaboradores envolvidos no processo produtivo, totalizando mais de 4.000 horas/homem em 2023. Esse investimento em capacitação refletiu positivamente tanto no meio ambiente quanto na operação da empresa.

Para Thaiany Assad, diretora de Comunicação Corporativa e ESG da Vulcabras, um dos principais esforços da companhia foi o reaproveitamento das sobras de EVA (etileno-vinil-acetato), material utilizado na fabricação de tênis. A empresa fabrica os calçados da marca Olympikus e representa no País as estrangeiras Mizuno e Under Armour. Essa prática evitou o descarte de 679 toneladas de EVA em 2023, resultando na não emissão de 1.018,5 toneladas de CO_2e. O foco na redução de resíduos e uso eficiente de matéria-prima destaca o compromisso da empresa com a sustentabilidade.

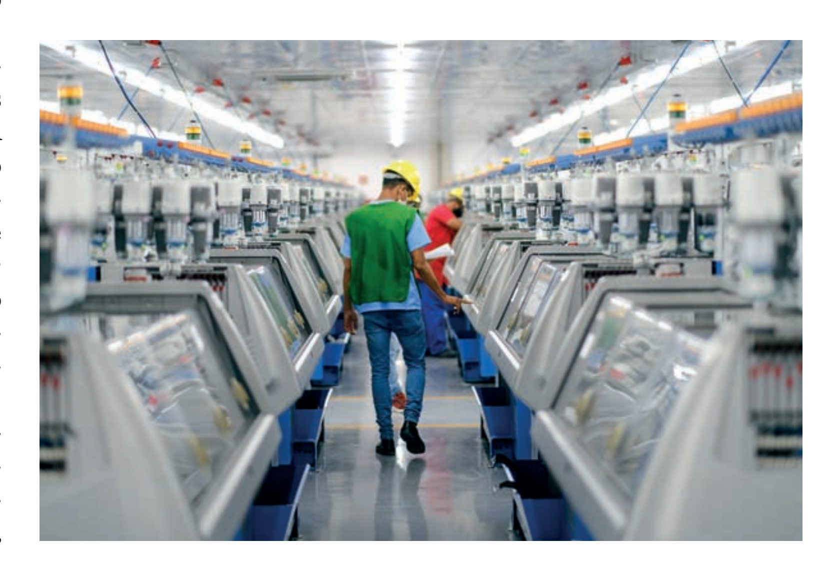
Além disso, a Vulcabras aumentou em 33% a quantidade de plástico reintroduzido em sua cadeia produtiva em 2023, comparado a 2022. Com isso, 133 toneladas de plástico deixaram de ser descartadas, evitando a emissão de mais 239,4 toneladas de CO_2e.

A ambição da empresa, segundo Assad, é de zerar a disposição de resíduos industriais em aterros sanitários, alcançando 100% de reaproveitamento ou coprocessamento na unidade da Bahia e 80% na unidade do Ceará. Essas práticas estão alinhadas ao compromisso de gestão responsável de resíduos e a transição para uma economia mais circular e de baixo carbono. Em 2023, reduziu em 44% o volume de resíduos enviados para aterros sanitários em comparação com 2022.

"A Vulcabras sempre teve como objetivo construir um país melhor através do esporte", afirmou Thaiany Assad. Em outubro de 2022, a empresa se tornou a primeira calçadista brasileira a utilizar energia eólica na produção de 100% de seus calçados. A parceria com a Casa dos Ventos garantiu que as fábricas de Horizonte e Itapetinga fossem abastecidas pelo complexo eólico Rio do Vento, no Rio Grande do Norte. Essa mudança evitou a emissão de 15 mil toneladas de CO_2 na atmosfera, equivalente ao plantio de 67 mil árvores.

Todas as unidades fabris da Vulcabras tratam 100% dos seus efluentes. Na unidade de Horizonte, a Estação de Tratamento de Efluentes transforma o esgoto em água limpa, utilizada na irrigação, limpeza de áreas comuns e nos sanitários, reduzindo o consumo de água.

FUTURO A Vulcabras se diz comprometida em inovar e buscar práticas sustentáveis que minimizem o impacto ambiental de suas operações. A diretora da empresa afirmou que planeja expandir ainda mais seus processos de economia circular e aumentar a eficiência no uso de recursos naturais, fortalecendo seu papel na transição para uma economia de baixo carbono.



PESSOAS Mais de 4 mil horas/homem foram investidas no treinamento dos colaboradores envolvidos no processo produtivo

PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM IA

APPLE MAIS **INTELIGENTE**

A Apple entrou de vez na era da inteligência artificial. A gigante da tecnologia mundial anunciou segunda-feira (10) o Apple Intelligence, sua estrutura de IA que suporta uma série de novos recursos em todos os sistemas operacionais: iOS 18, iPadOS 18, WatchOS 11 e MacOS 15 (Sequoia). A atualização entrará em smartphones, tablets, relógios e computadores na versão beta pública ainda este ano. Para isso, a Apple uniu forças com a disruptiva OpenAI. "Este é um momento pelo qual temos trabalhado há muito tempo", disse Tim Cook, CEO da Apple. É um movimento estratégico para a maçã competir com Google e Samsung. E para a empresa de Salt Altman, a parceria coloca seus modelos de IA diretamente nas mãos de milhões de usuários do iPhone. Nos aparelhos Apple, será possível gerenciar notificações ou escrever automaticamente e resumir texto em e-mails e outros aplicativos; a Siri, assistente de voz do iPhone, vai conversar mais naturalmente, em vez de apenas responder a uma pergunta de cada vez; também será possível digitar para a Siri; e criar imagens totalmente originais usando fotos em sua biblioteca. Demorou, mas a Apple entrou no jogo. Quem segura?





MARK ZUCKERBERG, CEO DA META, DONA DO WHATSAPP, INSTAGRAM E FACEBOOK, AO ANUNCIAR NOVIDADES, DIA 6 DE JUNHO, DURANTE O 'META CONVERSATIONS'. A "IA DA META" DEVE SER LANÇADA NO BRASIL EM JULHO. A TECNOLOGIA PROMETE INTERAGIR COM OS USUÁRIOS, GERAR IMAGENS, CRIAR TEXTOS E RESPONDER PERGUNTAS.

"AS PESSOAS NO BRASIL ENVIAM MAIS FIGURINHAS, PARTICIPAM MAIS DE ENQUETES E ENVIAM QUATRO VEZES MAIS MENSAGENS DE VOZ NO WHATSAPP DO QUE EM QUALQUER OUTRO PAÍS"

Há uma década, os melhores sistemas de IA do mundo não conseguiam classificar objetos em imagens a nível humano. IA tinha dificuldades com a compreensão da linguagem e não conseguia resolver problemas de matemática. Hoje, depois de uma forte aceleração, os sistemas de última geração como GPT-4, Gemini e Claude 3 são multimodais. Podem gerar textos fluentes em dezenas de idiomas, processar áudio e até explicar memes. Fruto de muito investimento em P&D, como revela uma parte do estudo Artificial Intelligence Index Report 2024, com dados referentes a 2023 e 2022. Veja alguns insights:



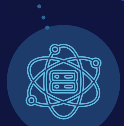
51 notáveis modelos de aprendizado de máquina lançados pela indústria, enquanto a academia contribuiu com apenas 15



65,7% modelos lançados em código aberto, em comparação com apenas **44,4%** em 2022 e **33,3%** em 2021



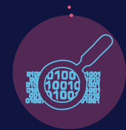
US$ 269 MILHÕES investidos em computação para treinamento dos sistemas ChatGPT4, da OpenIA, e Gemini Ultra, do Google



61 modelos notáveis de IA originaram-se de instituições sediadas nos EUA, 21 da União Europeia e 15 da China



61,1% das patentes de IA são da China, por outro lado



1,8 milhões de pesquisas em código aberto de IA do GitHub, plataforma de hospedagem de código-fonte e arquivos com controle de versão



240 mil publicações sobre IA, ante 88 mil em 2010

XBOX PORTÁTIL? CEO DÁ SPOILER



"Acho que deveríamos ter um portátil também", disse o CEO da Microsoft Gaming, Phil Spencer, que já deixou claro diversas vezes ser fã desse formato de videogame. O executivo tem curtido postagens no X que mencionam a possibilidade desse novo hardware. Spencer tem um ROG Ally, um Lenovo Legion Go e um Steam Deck. Logo logo vai ter um Xbox de tela cheia, mas em modo compacto. Baseado no Windows? É provável, mas os spoilers do CEO pararam por aqui.





GÊMEO DIGITAL DA TERRA

A Comissão Europeia lançou a primeira versão do Destination Earth (DestinE), um simulador alimentado por IA que visa melhorar a precisão das previsões climáticas. São dois modelos: um para eventos climáticos extremos e outro para adaptação às alterações climáticas. Eles vão monitorar, simular e prever o clima da Terra com grande detalhe. "DestinE significa que podemos observar desafios ambientais que podem ajudar-nos a prever cenários futuros – como nunca fizemos antes", disse a chefe antitruste da UE, Margrethe Vestager. O simulador é alimentado por computadores de alto desempenho da Europa (EuroHPC).

OTAN FINANCIA STARTUP QUE CONSTRÓI **ROBÔS DE GUERRA**

O Fundo de Inovação da OTAN (NIF) liderou um investimento inicial de 9 milhões de euros na startup alemã ARX Robotics, que constrói robôs terrestres não tripulados. Os robôs de guerra da startup parecem pequenos tanques, mas sem armas. Os veículos circulam sobre esteiras e podem ser equipados com radar, dispositivos de varredura de minas ou macas médicas. ARX vende quatro máquinas diferentes. O maior transporta cargas militares pesando até 500 quilos – incluindo soldados feridos. Os robôs estão todos conectados por meio de software e usam IA para se movimentar de forma autônoma. Os militares também podem controlá-los remotamente, como um drone.



ATÉ ONDE VAI A NVIDIA?

Gigante de tecnologia surfa onda da IA, não para de crescer na bolsa e de lançar produtos, sem dar chances aos rivais. Analistas acreditam que ultrapassar a Microsoft em valor de mercado é questão de tempo

Allan RAVAGNANI

No dia 5 junho, a gigante dos processadores para Inteligência Artificial, Nvidia, atingiu mais um marco histórico ao superar os US$ 3 trilhões em valor de mercado. Para se ter uma ideia da grandeza, o Produto Interno Bruto brasileiro em 2023 totalizou US$ 2,13 trilhões. Outro indicador de grandeza foi sua ascensão meteórica nos últimos meses. Fundada em 1993, na Califórnia, a companhia demorou quase 30 anos para atingir seu primeiro trilhão de dólares em valor de mercado, em 2023. Depois disso, dobrou de valor em apenas nove meses, em março de 2024. Apenas 66 pregões depois, a companhia atingiu seu terceiro trilhão, ficando atrás (por enquanto) somente da Microsoft, avaliada em US$ 3,15 trilhões na bolsa americana.

Diante dessa disparada, a DINHEIRO conversou com diversos analistas de mercado para tentar compreender os limites da companhia, impulsionada pela alta demanda por seus chips de IA, e que já acumula 162% de valorização em 2024, após crescer 307% em 2023. Matheus Popst, sócio da Arbor Capital, afirmou que o mercado aposta alto na Nvidia devido à sua posição dominante no mercado de chips para Inteligência Artificial, especialmente no contexto do momento ChatGPT, em que a sociedade percebeu o potencial das Modelos de Linguagem de Grande Escala, processando grandes volumes de dados. “O sucesso do ChatGPT e de outros modelos de linguagem de larga escala impulsionou a demanda por chips de alto desempenho, essenciais para o treinamento e execução desses modelos, sendo a Nvidia sua principal fornecedora, ela se beneficia diretamente desse boom”, discorreu. Para Popst, a crença na Nvidia está atrelada à expectativa do uso dos modelos de IA, cada vez maiores e mais complexos.

Sobre os últimos lançamentos da Nvidia, o economista e CEO da Amero Consulting, Igor Lucena, afirmou que os novos produtos são capazes de diminuir o custo de renderização em mais de 25%. Além do novo sistema de IA autogenerativa, que se chama de Curring Edge Breakthrough, ou seja, ela produz chips e sistemas que estão na crista da onda. “Os chips da empresa vão continuar sendo utilizados em produtos e serviços de seus clientes no mundo inteiro. Isso explica porque é que eles estão à frente dos concorrentes e porque estão crescendo rápido, a resposta é que eles fazem o que mais ninguém faz”, completou.



INOVAÇÃO CONSTANTE
O CEO Jensen Huang afirmou que planeja atualizar todos os aceleradores de Inteligência Artificial

CAIR? Não! segundo relatório do Bank of America (BofA), a previsão é que a empresa continue subindo nas cotações. Há duas semanas o banco americano reiterou a recomendação de compra da ação e elevou seu preço-alvo (até então na casa dos US$ 1,2 mil) para US$ 1,5 mil, ou seja, dando um potencial de valorização de mais 25%, prevendo que a Nvidia possa chegar a quase US$ 4 trilhões em market cap. Segundo os analistas do BofA, a projeção é justificada pela forte demanda de seus novos produtos, especialmente a nova unidade de processamento gráfico (GPU) Blackwell, além do upgrade no Grace CPU e no Spectrum-X Ethernet, todos em crescente demanda.

Para facilitar o acesso do investidor às ações da companhia, no dia 10 de junho a Nvidia realizou o desdobramento de suas ações na proporção de dez para um. Ou seja, quem tinha uma ação da companhia, avaliada em US$ 1,2 mil, passou a deter dez ações de US$ 120.

O analista Einar Rivero, da Elos Ayta Consultoria, famoso no mercado por colocar as grandezas em perspectiva, destacou que a Nvidia, somente em 2024, movimentou por dia o equivalente à soma do valor de mercado de Ambev, Cemig e Pettenati Têxtil. "O volume financeiro diário de negociações das ações do grupo, até 7 de junho, é de impressionantes US$ 40,4 bilhões, ou seja, ela movimenta diariamente o mesmo montante que o valor combinado dessas três empresas brasileiras neste ano."

Além do sucesso, a Nvidia olha concorrência de empresas como AMD e Intel pelo retrovisor, apesar de também acelerarem seus lançamentos para competir no mercado de IA. No entanto, os analistas veem a Nvidia mantendo uma vantagem significativa nesta competição, dada sua liderança tecnológica, conduzida pelo CEO, Jensen Huang, que promete inovações constantes em seus processadores para manter a liderança desse mercado ainda incipiente.

75%
DE AUMENTO NA RECEITA DA COMPANHIA NO 1º TRIMESTRE DE 2024, SOMANDO US$ 12 BILHÕES

85%
FOI O CRESCIMENTO NO SEGMENTO DE DATACENTERS, ESSENCIAL PARA COMPUTAÇÃO IA

76%
DEVE SER A MARGEM BRUTA DA EMPRESA NO ANO FISCAL, SEGUNDO ANALISTAS



“O app tem capacidade de se integrar perfeitamente à vida cotidiana dos usuários, com uma interface simples e eficiente”

PATRICK BURNETT
CEA DO INOVEBANCO

FUTURO NA PALMA DA MÃO

Fintech brasileira InoveBanco anuncia plano para lançar super app com tecnologia da chinesa Tencent, dona do WeChat

Letícia FRANCO

Imagine um futuro em que você pode fazer praticamente qualquer coisa simplesmente acenando com a mão. Pagar contas, acessar o transporte público, fazer compras, entrar no trabalho, entre muitas outras possibilidades. Na China, a Tencent — dona da plataforma WeChat, que ficou conhecida como um super aplicativo com 1,36 bilhão de usuários mensais ativos — já está fazendo isso. Agora, o serviço de digitalização de palmas atravessa o oceano Pacífico para desembarcar no Brasil. A nova tecnologia chega pelas mãos da InoveBanco, fintech brasileira com sede em Campinas (SP), e deve ser lançada ainda este ano. Isso é resultado do acordo da brasileira com a Tencent Cloud, divisão global de nuvem da multinacional de tecnologia Tencent, que permite a introdução de um ecossistema digital no País, que engloba milhares de serviços e aplicativos em uma só plataforma e o palm scan.

O software abre portas para um novo mundo, onde os usuários podem deixar de lado seus smartphones, carteira e até mesmo as chaves de casa. Para isso, é necessário apenas passar as mãos sobre um sensor - sem contato entre usuário e o equipamento — para realizar vários serviços. "O dispositivo lê diferentes impressões digitais por meio de sensores e câmeras com raios infravermelhos, assim a identificação do usuário ocorre em questão de segundos", disse à DINHEIRO Patrick Burnett, CEO do InoveBanco e presidente do LIDE Inovação. Atualmente, o recurso de biometria mais avançado no País é o reconhecimento facial, mas Burnett afirmou que o novo sistema oferece ainda mais segurança. "O reconhecimento facial sofre fraudes constantes. Um dos motivos para isso é a necessidade de cadastro em diferentes lugares. O palm scan passa por um único cadastro, há mais segurança."

Embora introduzida no País por meio da parceria entre InoveBanco e Tencent, a plataforma busca atender qualquer entidade privada e pública que deseja disponibilizar seus serviços e/ou produtos no super aplicativo através de sua própria ferramenta. Segundo Burnett, há negociações em andamento com players dos setores de varejo e mobilidade. Além disso, vale destacar que o sistema conta com a mesma tecnologia chinesa, porém segue as especificações do mercado brasileiro. "Está sendo desenvolvido pela InoveTech, subsidiária de tecnologia do InoveBanco, que utiliza a solução Tencent Cloud Mini. Todos os dados dos usuários serão concentrados aqui, atendendo as leis nacionais de segurança e privacidade", afirmou Burnett.

BENEFÍCIOS As vantagens do super aplicativo vão muito além da conveniência e velocidade do palm scan. Para as empresas, entrar no super aplicativo significa ter uma gama maior de usuários, porque podem acessar os dados de todos clientes, independente deste usar o seu produto ou não. Por outro lado, o consumidor vai deixar de baixar diversos aplicativos e criar vários logins, facilitando o cotidiano cada vez mais digital. Uma abordagem multifacetada que promete engajar todos os elos da cadeia.

A aderência da população parece não ser um desafio. Burnett toma como referência o triunfo do WhatsApp no País. O aplicativo de mensagens instantâneas aterrissou no Brasil em 2009 e passou a ser rapidamente utilizado por pessoas físicas e empresas. Hoje, 92% dos brasileiros têm conta no WhatsApp, segundo pesquisa do Datafolha. "O super app tem capacidade de se integrar perfeitamente à vida cotidiana dos usuários, com uma interface simples e eficiente para todas as idades", disse o executivo. Já imaginou um shopping na palma da sua mão? Se depender do InoveBanco, essa realidade está próxima.



MAIS SOLUÇÕES Palm scan funciona como um cadastro geral dos usuários. No Brasil ele chega com uma tecnologia chinesa, de ponta

 POR MARCOS STRECKER

PLUG-INS DA MERCEDES-AMG INSPIRADOS NA F1

A fabricante alemã acaba de anunciar o lançamento dos híbridos de alto desempenho da Classe S, o modelo mais luxuoso da montadora. O Mercedes-AMG GT 63 S E PERFORMANCE é o mais potente AMG produzido em série até agora. Combina o motor a combustão (na dianteira) com um motor elétrico (no eixo traseiro) e uma bateria de alto desempenho, desenvolvida pela própria fabricante. Ela é baseada nas células com resfriamento direto utilizadas nos carros de F1. Assim como na Fórmula 1, é projetada para entrega e recarga rápida de energia. O GT 63 S E PERFORMANCE tem potência total de 843 cv e velocidade máxima de 316 km/h. O motor V8 biturbo de 4.0 litros é combinado com motor síncrono de imã permanente (PSM).
O híbrido tem soluções próprias com grande engenhosidade, como é característica da marca. O sistema de armazenamento de energia de íons de lítio é inspirado em tecnologias já testadas nos híbridos de F1 da escuderia Mercedes-AMG Petronas. Combina alta potência com baixo peso para melhorar o desempenho geral. É, no entanto, projetada para rápida entrega e uso de energia, não para a maior autonomia, ainda que permita a utilização em condução totalmente elétrica e silenciosa em áreas residenciais por distâncias de até 33 km. A recarga externa é feita por meio do carregador de corrente alternada a bordo de até 3,7 kW, seja em uma estação de carregamento, wallbox ou tomada doméstica.
No GT 63 S, a potência e o torque máximo do sistema proporcionam a aceleração de zero a 100 km/h em três segundos. Já o Mercedes-AMG S 63 E PERFORMANCE, também sendo lançado no Brasil, é um sedan da Classe S que tem o luxo como destaque, além da performance privilegiada (potência total de 802 cv). Traz acabamento interno em carbono, sistema de direção semiautônoma e teto solar panorâmico. Os dois modelos unem sofisticação e conforto, com oito modos de condução. Os preços sugeridos são de R$ R$ 1,635 milhão (AMG GT 63 S) e R$ 1,65 milhão (AMG S 63).

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

RELÓGIO

NOVO IWC SCHAFFHAUSEN

A marca suíça IWC Schaffhausen acaba de lançar em Genebra o Portugieser Hand-Wound Tourbillon Day & Night. É um dos modelos mais exclusivos de uma das coleções mais tradicionais da casa fundada em 1868, a Portugieser. Esse item, em especial, tem caixa de ouro Armor 18 quilates polida e escovada, ponteiros folheados a ouro e appliqués do mesmo metal. Com diâmetro de 42,4 mm e altura de 10,8 mm, traz indicações astronômicas e calendário perpétuo. O turbilhão, dispositivo que reduz o efeito da gravidade para melhorar a precisão, garante com materiais inéditos e grande rigor a indicação de dia e noite no formato de globo terrestre. Diferentemente dos modelos tradicionais, nesse caso trata-se de uma esfera tridimensional que gira em torno de seu eixo a cada 24 horas, engenhosidade própria para ressaltar a experiência de artesanato relojoeiro fino. A peça é equipada com pulseira de couro preto de crocodilo da Santoni, grife italiana especializada em acessórios de luxo. O novo relógio da linha Portugieser tem valor de referência é R$ 449,6 mil.



DRINQUES

MOSCOW MULE
POR MARCELO SERRANO

A Nib Bebidas uniu-se ao mixologista Marcelo Serrano para lançar o Nib Moscow Mule, uma garrafa com a bebida à base de vodka, cerveja de gengibre e suco de limão, pronta para beber. O produto, preparado com ingredientes premium, tem como destaque a "espuminha" em um vasilhame à parte, desenvolvida pelo especialista brasileiro para atender uma deficiência, já que não havia no mercado ginger beer ou ginger ale, ingredientes essenciais para a receita do drinque criado nos anos 1940, em Nova York. Se quiser seguir a tradição à risca, o usuário precisará contar em casa com uma caneca de cobre gelada. À venda em empórios e mercados e também em bares e restaurantes. Preço de referência de R$ 119,90 no site da Nib, especializada desde 2018 em coquetéis engarrafados (nibstore.com.br).



MOTO

A **TIGER** DA BRITÂNICA TRIUMPH

A nova bigtrail da fabricante britânica Triumph vem em versão mais acessível para brigar com a alemã BMW R 1300 GS. A Tiger 1200 Rally Black Edition tem motor triplo de 1.160cc com potência máxima de 150 cv, rodas raiadas com aro de alumínio 21 polegadas (dianteira) e 18 polegadas (traseira), suspensão eletrônica semiativa Showa com 43 mm de diâmetro e curso de 220 mm e pneus Metzeler Karoo Street. Combina desempenho, capacidade off-road e conforto. Possui tanque de combustível com capacidade de 20 litros e assento ergonômico ajustável. O valor é competitivo para a marca centenária, que é também a mais importante de motos do Reino Unido: R$ 88,9 mil.





O MELHOR ENDEREÇO DA CIDADE

Com sua exuberante vista para a praia, piscina disputada e experiências como Jantar da Lua Cheia, Emiliano Rio é um sucesso que encoraja os proprietários a abrir novas unidades à beira-mar

Celso MASSON, do Rio de Janeiro

"Bem-vindo ao melhor endereço da cidade". É com essas palavras que a equipe do Hotel Emiliano recebe os hóspedes em sua unidade praiana, de frente para o mar de Copacabana, onde a vista é uma das mais desejadas de quem visita a Cidade Maravilhosa. A aparente falta de modéstia usada na saudação se justifica pelo aval da crítica especializada – não apenas no setor hoteleiro mas também por publicações de arquitetura e decoração. Construído a partir de um projeto de Arthur Casas no terreno que abrigava a embaixada carioca da Áustria, o Emiliano Rio foi eleito o melhor hotel boutique de 2017 pela revista Interior Design. No mesmo ano, entrou na seleção de Melhores Hotéis Urbanos da Condé Nast Traveler. A lista de prêmios ganhou tração nos anos seguintes. E basta passar uma noite em uma de suas espaçosas suítes para concordar com a opinião dos especialistas.

Para o sócio-proprietário e CEO do Grupo Emiliano de Hotéis, Gustavo Filgueiras, o reconhecimento internacional se deve a uma combinação de fatores. "Embora seja um hotel com 90 acomodações, é muito exclusivo", afirmou Filgueiras à DINHEIRO. "A gente tem um contexto de experiência muito personalizada e um atendimento ao cliente com uma eficiência que incorpora a expertise do hotel de São Paulo, com as vantagens que a localização no Rio oferece", disse, citando a disputada piscina na cobertura com borda infinita e deck molhado que permite uma vista deslumbrante do Leme ao Forte de Copacabana e o bar privativo montado na areia da praia como atrativos adicionais para hóspede que busca uma experiência outdoor com a cara do Rio.



DISPUTADO
Vista de Copacabana a partir de uma das suíte do hotel, que tem registrado alta ocupação desde abertura, a piscina de borda infinita e o luxuoso banheiro, com sanitário japonês

EXPANSÃO
O sócio-proprietário e CEO do Grupo Emiliano, Gustavo Filgueiras. Depois de fincar sua bandeira na Cidade Maravilhosa, novos empreendimentos em Paraty e Balneário Camboriú



Recentemente, como forma de aproveitar ainda melhor sua privilegiada localização, o Emiliano Rio lançou a experiência Jantar da Lua Cheia no rooftop, com menu assinado pelo talentoso Chef Camilo Vanazzi e harmonização de vinhos do premiado sommelier Luís Otávio Álvares Cruz. A experiência gastronômica começa ao nascer da Lua e tem como cenário a maravilhosa vista da praia. O menu harmonizado custa R$ 745 por pessoa (mais 15% de serviço).

A ideia de levar para Copacabana a excelência do serviço que caracteriza o padrão Emiliano desde sua inauguração na Rua Oscar Freire, na capital paulista, nasceu durante os preparativos para os Jogos Olímpicos Rio 2016. A cidade vivia um momento de renovação urbana e de reposicionamento de imagem junto ao turista estrangeiro, o que estimulou a família Filgueiras a investir pesado para criar um hotel capaz de competir com ícones como o histórico Copacabana Palace e o luxuoso Fasano, na vizinha Praia do Arpoador. Com um posicionamento de preço equivalente ao da concorrência que busca hóspedes de alta renda, as diárias do Emiliano partem hoje de R$ 2,5 mil (para dia de semana na Deluxe King Bed Room, de 42 m2). A maior das acomodações soma 200 m2, com dois ambientes conjugados.

Em todos os quartos, a decoração é primorosa. Há poltrona Charles Eames e sofá de couro italiano, banheira de imersão em estilo Vitoriano inglês que se integra ao dormitório por uma pele de vidro e o vaso sanitário japonês traz controle de temperatura e bidê eletrônico. As toalhas de 850 gramas são gigantes, a roupa de cama em algodão egípcio chega a 500 fios e os travesseiros são recheados com plumas de gansos húngaros.

Todo esse charme é complementado por amenities da marca Santapele, desenvolvida por Carolina Filgueiras, irmã de Gustavo. Santapele também é o nome do spa no 11º andar, um verdadeiro oásis de experiências multissensoriais que harmonizam corpo e mente, focadas em três pilares: relaxante, desintoxicante e revigorante.

SUSTENTABILIDADE Como não poderia faltar em um empreendimento desse padrão, o Emiliano Rio tem um programa de responsabilidade social e econômica baseado em um conjunto de ações que beneficia a sociedade ao gerar emprego para costureiras da comunidade local. Toda a venda é revertida para Solar Meninos de Luz, uma organização civil, filantrópica, que promove educação integral. Entre as iniciativas está a venda dos pijamas feitos a partir da reciclagem de lençóis fora de uso. O reaproveitamento chega a 90% dos lençóis por ano.

Depois de fazer história na hotelaria das duas maiores cidades brasileiras, o Grupo Emiliano pretende fincar sua bandeira em outros destinos badalados do turismo: em Paraty, a charmosa cidade histórica do litoral fluminense; e em Balneário Camboriú, cidade famosa pelos arranha-céus à beira-mar no litoral em Santa Catarina. “Paraty é um projeto antigo, mas o de Balneário Camboriú deverá ser anunciado ao mercado no próximo mês”, afirmou Filgueiras. “Temos um crescimento orgânico e esse produto será uma evolução do negócio, com os mesmos pilares de excelência na qualidade do serviço.”



JORGE SANT'ANNA
DIRETOR-PRESIDENTE E COFUNDADOR DA BMG SEGUROS E MEMBRO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS

ESCOLHAS, SEMPRE ESCOLHAS...

Entre tantos outros, dois grandes pensadores se destacaram por suas reflexões sobre aquilo que chamamos de teoria das escolhas. O filósofo existencialista Jean-Paul Sartre afirma que somos "condenados a ser livres". A todo momento estamos fazendo uma escolha, o próprio ato de não escolher é na verdade uma escolha. Portanto, tentar fugir de escolhas é simplesmente impossível. Segundo Sartre, cada escolha que fazemos nos define, constrói o nosso conjunto de valores. Das mais simples e triviais às mais complexas de nossas vidas, as escolhas compõem o ser humano que somos.

Enquanto Sartre trata a questão das escolhas de forma absoluta, Viktor Frankl, o brilhante psiquiatra sobrevivente do Holocausto nazista e um dos primeiros pensadores a discutir o conceito do "propósito" como real motor de nossas ações, de uma forma bem estoica, foca suas reflexões na nossa liberdade de escolhermos como reagiremos frente aos obstáculos, às adversidades e impossibilidades que enfrentamos em nossas vidas. Ele mesmo conseguiu sobreviver ao terror nazista, buscando sentido, propósito para além do seu próprio ser. Escolheu ter uma atitude legitimamente positiva e até mesmo indiferente frente à imensa humilhação e sofrimento que enfrentava, criando assim as bases para a logoterapia.

Os dois pensadores nos desafiam a refletir em nossas escolhas de uma maneira muito mais profunda do que estamos habituados a fazer em todas as dimensões de nossas vidas.

Vale uma reflexão sobre nosso processo de escolhas em nossas carreiras e em nosso modelo de liderança. Escolhemos e construímos nosso modelo mental através de uma avaliação racional e não polarizada ou temos a tendência de subestimarmos o lado negativo de nossas decisões para confirmarmos nossas hipóteses?

O exercício da liderança nos impõe desafios a todo momento, uma vez que somos percebidos por nossas escolhas em todas as dimensões. Nossas palavras, nossos gestos, a maneira como reagimos às dificuldades, nossos hábitos e até mesmo como nos vestimos constituem artefatos de nosso modelo de liderança. Jamais conseguiremos coerência e consistência de propósito em nossos times se nossas escolhas diárias forem contraditórias e não coerentes. A linguagem da liderança não é explícita, não se formaliza. O líder se comunica através de um idioma subliminar, que se expressa por suas escolhas e não por suas palavras.

Não conseguimos despertar nem incentivar o autodesenvolvimento, curiosidade, imaginação, colaboração e diversidade em nossa equipe se somos contraditórios em nossas escolhas relacionadas a todos esses temas.

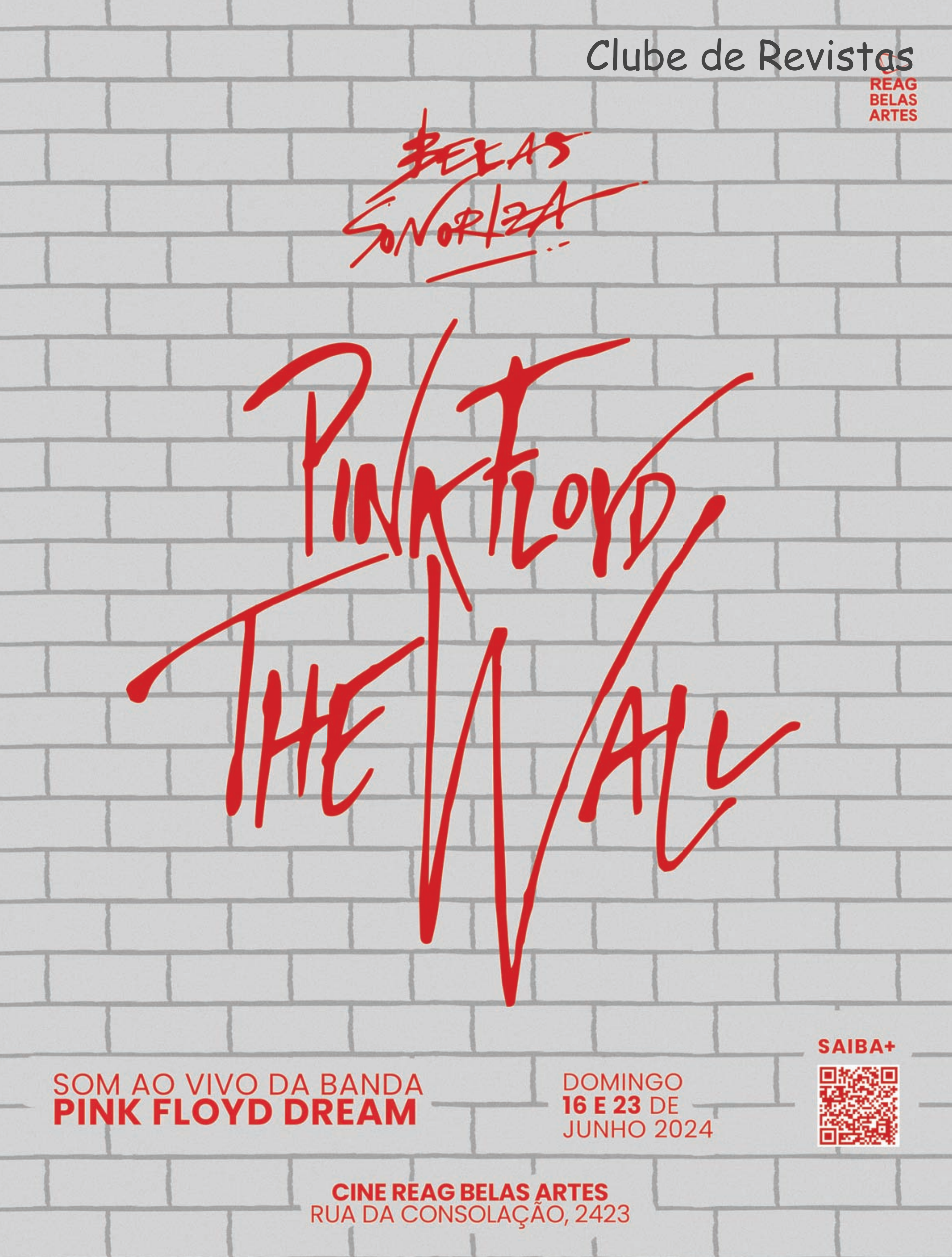
A maneira que escolhemos lidar com as crises, frustações e perdas. Se escolhemos sermos vítimas, ou buscamos terceirizar nossos fracassos no lugar de enfrentarmos nossa real responsabilidade, diz muito sobre o tipo de líder que somos ou em que estamos nos transformando.

Da mesma forma, a maneira que escolhermos tratar os erros e falhas, quando bem-intencionadas, de nosso time, isto é, se punimos de forma irascível ou se preferimos entender como um processo de treinamento e desenvolvimento, será um sinal claro do nível de segurança psicológica que estamos dispostos a criar no nosso espaço de trabalho.

As reflexões de Sartre e Frankl impõem uma enorme responsabilidade individual à nossa inexorável liberdade de escolha. Essa responsabilidade se expande muito quando estamos em posição de liderança, quando o que está em jogo, muitas vezes, está muito além de nossas posições pessoais.

O mundo empresarial, assim como o da política, está repleto de líderes que construíram seus valores a partir de escolhas inadequadas. Daí a enorme falta de coerência que observamos nas empresas e nas relações institucionais.

Ser líder não é uma tarefa fácil. Podemos encontrar bons seres humanos que não são bons líderes, mas nunca encontraremos bons líderes que não sejam bons seres humanos.



Clube de Revistas
REAG
BELAS
ARTES
BELAS
SONORIZA
PINK FLOYD
THE WALL
SOM AO VIVO DA BANDA
PINK FLOYD DREAM
DOMINGO
16 E 23 DE
JUNHO 2024
SAIBA+
CINE REAG BELAS ARTES
RUA DA CONSOLAÇÃO, 2423

POR PAULA CRISTINA

■ **FUNDO DE INVESTIMENTO**

RESGATE LÍQUIDO ATINGE R$ 8,8 BILHÕES EM MAIO



Os fundos de investimento tiveram resgates líquidos de R$ 8,8 bilhões em maio, o primeiro mês negativo de 2024, segundo a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). No acumulado do ano, o saldo é positivo em R$ 151,8 bilhões. Os fundos de renda fixa foram o destaque de maio, com R$ 16,3 bilhões de ingressos líquidos. As carteiras que investem em ativos de médio e alto risco de crédito (do tipo duração livre crédito livre) foram responsáveis por mais da metade do resultado da classe, com R$ 9,7 bilhões de aportes líquidos.

Em seguida, aparecem os fundos de previdência e os que compram participações em empresas (FIP), que atraíram R$ 786,4 milhões e R$ 702,3 milhões, respectivamente. Os ETFs (Exchange Traded Funds) apresentaram a maior captação líquida do ano, com R$ 592,4 milhões. Já os multimercados seguem perdendo recursos. Houve saídas de R$ 15,3 bilhões em maio, com a conta do ano negativa em R$ 54,1 bilhões. Os fundos de ações, por sua vez, registraram saques de R$ 4,6 bilhões em maio, com saídas acumuladas de R$ 4,2 bilhões desde janeiro.



1 bilhão Foi o valor anunciado para recompra de ações da Rede D'Or, segundo comunicado na terça-feira (11). O intuito é manter os papeis em tesouraria, "com vistas a maximizar a geração de valor para os acionistas". A compra está limitada a 30 milhões de ações, ou 10% dos papeis. O programa tem prazo de 1 ano.



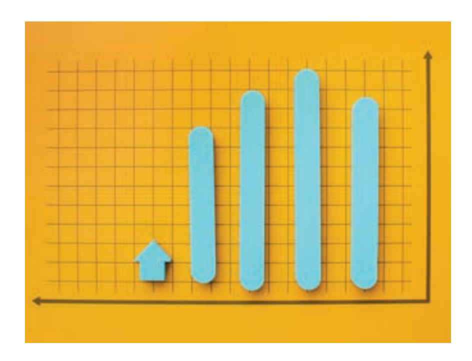
1 bilhão Foi o valor batido pela Gama Investimentos, hub independente para fundos espelho (os chamados "feeders") de grandes gestoras estrangeiras no Brasil em captação nos últimos seis meses. O impulso aconteceu pelo aumento da procura por renda fixa internacional e as novas regras da CVM.

■ **RECUPERAÇÃO JUDICIAL**

AMERICANAS TEM RECEITA DE R$ 3,6 BILHÕES

A Americanas anunciou na terça-feira os resultados preliminares não auditados do primeiro trimestre deste ano, contabilizando receita líquida de R$3,76 bilhões ante aos R$ 3,63 bilhões divulgados anteriormente para o mesmo período de 2023.A companhia responsável por um dos maiores pedidos de recuperação judicial da história do país afirmou que teve um resultado operacional medido pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) "ajustado" positivo de R$ 284 milhões nos três primeiros meses deste ano.

A empresa não divulgou números comparativos para o Ebitda e ainda afirmou que o dado "exclui despesas relativas à recuperação judicial e investigação, 'impairment'; baixas de ativos e haircut/desconto em contingências e em fornecedores por conta da aprovação do plano de recuperação". Segundo a Americanas, com o desconto na dívida bilionária da companhia com credores – o chamado "haircut" – o resultado do terceiro trimestre deste ano deve trazer um "montante relevante" de ganho à empresa que deverá ser "suficiente para reverter" o atual patrimônio líquido negativo.



FOTOS: FREEPIK



PRA ONDE VOCÊ RESOLVER IR,
A MÚSICA TE LEVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR





16
priscilla
a experiência
show de lançamento
30 DE JUNHO - 20H

16



02 SHOWS NA MESMA NOITE!
20 DE JULHO - 22H

Cia. Aérea Oficial: Azul

Mídia Partner:


Apoio:




CONSIGAZ
CRISTÁLIA Sempre um passo à frente...

Realização:






Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.
Os descontos não são válidos para meia entrada. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral) exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos desse regulamento são aplicados no valor do ingresso na data da compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.900 pessoas | Alvará Prefeitura:2024/02785-00 Val:16/05/2025 | Alvará Bombeiro: nº 605304 Val:06/10/2024. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

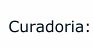
MINISTÉRIO DA CULTURA e TOKIO MARINE SEGURADORA apresentam:

2ª edição

PRÊMIO DE MÚSICA INSTRUMENTAL TOKIO MARINE HALL

Inscrições e mais informações
WWW.PREMIODAMUSICAINSTRUMENTAL.COM.BR

Lei de Incentivo à Cultura Lei Rouanet



Curadoria:
ICB

Patrocínio:




Realização:


MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



NÃO SABEMOS EXATAMENTE PARA ONDE A ECONOMIA CAMINHARÁ, MAS SABEMOS QUE ELA SERÁ CADA VEZ MAIS TOKENIZADA



ROBERTO CAMPOS NETO,
presidente do Banco Central

+ 12,5%

Foi o aumento do volume de veículos pagantes nas estradas controladas pela Ecorodovias em maio sobre o mesmo mês de 2023. O resultado foi impulsionado em parte pelo início de cobrança de pedágio em sete praças na operação EcoNordeste, e em três praças da EcoRioMinas

US$

111 trilhões É o valor estimado para o mercado de B2B em nível mundial no ano de 2027. A título de comparação, o valor estimado em 2022 era de US$ 88 trilhões, segundo estudo da Jupiter. Entre 2024 e 2027, o crescimento deve alcançar 22%



2 trilhões Foi o valor acumulado das exportações de petróleo do Brasil nos últimos 10 anos, segundo o Comexstat, o banco de dados público do Ministério da Indústria e Comércio. Nos últimos 12 meses, as exportações somaram R$ 320 bilhões



– -0,5%

Foi a queda no PIB do Japão no primeiro trimestre de 2024, segundo o governo local. Na comparação anual, a economia contraiu 1,8% no primeiro trimestre. Na estimativa preliminar, o PIB havia recuado 2,0%



CRIPTOS

Após sete meses em baixa, o Bitcoin recuperou parte das perdas em maio, quando houve incremento de 11% no valor do ativo. Com isso, o preço da moeda bateu US$ 69 mil. Esse ganho é significativo, pois marca o primeiro aumento de maio desde 2020, rompendo a sequência de baixas que normalmente ocorrem neste mês. Além do Bitcoin, o Ethereum fechou maio com uma alta de 24,4%. Isso posiciona Ethereum igualmente como uma ótima opção de investimento, embora com um impacto um pouco menor que o do primeiro semestre, onde teve uma valorização de 46,5% em fevereiro.

 FOTO: MARCOS OLIVEIRA

UM MERCADO E DUAS HISTÓRIAS: NVIDIA E O RESTO



NORBERTO ZAIET
É ECONOMISTA, EX-CEO DO BANCO PINE E FUNDADOR DA PICEA VALUE INVESTORS, EM NOVA YORK

Dois temas dominaram o mercado americano no primeiro semestre de 2024: IA e juros. Tudo o que ocorreu de janeiro até aqui girou em torno disso.

No princípio do ano, o mercado de renda fixa acreditava que os índices de inflação cederiam rapidamente, o que dispararia uma onda de cortes de juros comandada por um Banco Central acostumado a ser dovish e que esteve, nos últimos tempos, vestido de urso. Já em IA, o movimento de valorização que havia começado em 2023, após a disponibilização do Chat GPT, continuou firme, e continua até agora.

Nos primeiros dois meses do ano, esses fatores andaram juntos: juros para baixo e AI para cima. Entretanto, a cada número de inflação e atividade divulgados ao longo dos meses a expectativa de cortes iminentes de juros se frustrava. Quem havia se posicionado nesta direção precisou reavaliar o cenário, e o resultado foi um abandono, em massa, de investimentos em companhias que se beneficiariam de um corte de juros em favor de qualquer coisa relacionada a IA. Até o aborrecido setor de utilities teve um renascimento, com base na história de que, para esses chips rodarem, a necessidade de energia seria tão grande que as redes não dariam conta do recado.

> **“Nvidia terá concorrentes. Serão, espero, produtos melhores, mais eficientes, com menos componentes, produzidos fora de Taiwan, mais baratos e compatíveis com o que existe de infraestrutura”**

No campo do hardware, veleja sozinha com vento a favor e mar calmo a única provedora desses milagrosos chips que empoderam as máquinas inteligentes. Acredito que nem o investidor mais otimista em Nvidia imaginava um ano atrás que, nesse curto intervalo de tempo, a empresa pudesse aumentar mais de dez vezes seu valor de mercado. E, ainda por cima, não por aumento de múltiplo de preço/lucro (pelo contrário), mas sim, embasado em lucros cada vez maiores. Era inédito, até agora, que uma companhia pudesse ser capaz de multiplicar repetidas vezes sua produção em um espaço de tempo tão curto mantendo margens crescentes. Parece muito bom para ser verdade, mas, por enquanto, é: apostar contra é uma tarefa inglória.

O que o segundo semestre espera? Ninguém sabe a resposta, mas parece não haver guerra, eleição, enchente ou furacão que desvie o mercado de IA e juros. Imagino, todavia, que a lógica prevaleça: chips e data centers são meios para alcançar um fim, que é a aplicação da IA em massa para pessoas e empresas. As margens extraordinárias e o crescimento a perder de vista deveriam se concentrar em quem, de maneira bem-sucedida, consiga atingir o maior número de consumidores com a sua inteligência artificial.

Ao fim e ao cabo, chips e data centers são commodities – e voltarão a ser. Nvidia terá concorrentes. Serão, espero, produtos melhores, mais eficientes, com menos componentes, produzidos fora de Taiwan, mais baratos e compatíveis com o que existe de infraestrutura. Capital em cima de capital está sendo empregado nisso, especialmente por seus principais clientes – a quem capital não falta. Em quanto tempo isso vai acontecer, só o tempo dirá.

E os juros? Enquanto a inflação não cair, eles também não caem. Além disso, as condições financeiras do mercado em geral continuam extremamente frouxas. Mais uma vez, o tempo será essencial para essa definição.

Howard Marks, o lendário fundador da Oaktree Capital Management, diz que “a maioria dos investidores são seguidores de tendências. Já os investidores superiores são o exato contrário. Investir de maneira superior (superior investing) requer raciocínio de segundo nível – uma maneira de pensar que é diferente da dos outros, mais complexa e mais perspicaz”. Acredito que Marks esteja certo. Apesar de superior, porém, é incrivelmente mais sofrida e penosa. Avante. S

ARTIGO



POR **MARCOS STRECKER***

O CENTRO NÃO SE SUSTENTA

A vitória dos radicais na Europa e o retorno de Trump prenunciam tempos difíceis para o comércio global. No Brasil, o sucesso econômico do governo está em risco pela disputa entre bolsonarismo e petismo

No poema *A Segunda Vinda*, de 1919, o poeta William Butler Yeats usa uma alegoria cristã para representar o perigo de dissolução do mundo no pós-Primeira Guerra. Esse famoso texto foi apropriado com maestria nos anos 1960 pela escritora Joan Didion (1934-2021), que na sua coleção de ensaios *Rastejando até Belém* usou a chave poética da obra do irlandês como título e reinterpretou a metáfora para descrever a falência do sonho de libertação pessoal na Califórnia dos anos 1960. Ao invés de produzir uma era de felicidade e amor, a utopia da contracultura tinha criado uma geração de iludidos miseráveis. O símbolo disso era um bebê mantido drogado pelos pais hippies em um cortiço em São Francisco.

O que isso tem a ver com os EUA e com o mundo atual? A sociedade americana está novamente em convulsão, mas isso é só parte do problema. O consenso global pós-Segunda Guerra, econômico e geopolítico, parece irremediavelmente comprometido pela ascensão do extremismo em todos os continentes. Nas eleições europeias do último dia 9, o centro político da Europa, composto por França e Alemanha, levou uma lavada da extrema-direita, que tenta desmontar o bloco econômico, reacender o populismo incendiário e perseguir imigrantes e minorias, usando-os como bode expiatório. No Reino Unido, o Partido Conservador vai amargar uma derrota histórica no dia 4 de julho.

Nos EUA, dez entre dez analistas já trabalham com o cenário em que Donald Trump vencerá em novembro. Ele já prometeu usar o governo para perseguir adversários, quer aprofundar a influência sobre a Suprema Corte e desmontar o famoso sistema de pesos e contrapesos que segura a democracia dos país há mais de 200 anos. Vai enfraquecer os laços com a Europa e aproximar-se de forma errática de ditadores que ameaçam a ordem global, começando por Vladimir Putin.

Na economia, Trump vai radicalizar ainda mais o protecionismo, enfraquecendo os órgãos multilaterais que tentavam integrar o resto do mundo à economia de mercado (como a OMC). Peter Navarro, atualmente preso mas que provavelmente vai liderar a política comercial trumpista, já anuncia uma nova era de barreiras alfandegárias, contra a própria tradição dos republicanos na defesa do livre comércio. Novos cortes de impostos para as empresas e os ricos também devem ampliar ainda mais o déficit público, pressionando a política monetária do país e os Bancos Centrais pelo planeta.

Para esse panorama que se avizinha, contribuiu o passo em falso do atual governo, apesar das boas intenções. O trilionário New Deal de Joe Biden trouxe uma bonança passageira para os empregos e as empresas, mas impulsionou o déficit e a inflação. Pior, não garantiu votos para o atual presidente. O *bidenomics* fracassou até entre os eleitores democratas. Pesquisas mostram que os americanos confiam mais em Trump do que em Biden na economia. O mundo continuará refém da guerra fria entre os EUA e a China, em que as regras internacionais são desrespeitadas pelo interesse comercial dos dois gigantes econômicos.

Cada vez mais fragilizado nos EUA e na Europa, o centro parece também patinar no Brasil. O presidente Lula teve a sabedoria de estabelecer uma frente ampla para se eleger, mas isso não garantiu um governo genuinamente de centro, nem enfraqueceu o bolsonarismo. Os maiores reflexos dessa desordem acontecem justamente na economia. O ministro Fernando Haddad tenta cumprir uma agenda macroeconômica de disciplina fiscal, respeitando a prioridade social do governo e valorizando as empresas e o mercado. A estratégia está fazendo água, como se viu pela enésima vez no xeque-mate imposto pelo Congresso com a devolução da MP do PIS/Cofins que tentava consertar um rombo fiscal aberto pelo próprio Legislativo.

Até hoje, o governo tinha o enorme benefício do sucesso econômico no primeiro ano de mandato, garantido pelo aumento surpreendente do PIB e expansão dos empregos, além da aprovação histórica da Reforma Tributária, que prometia finalmente destravar e modernizar a economia. Agora, até a regulamentação dos impostos parece comprometida. As tensões pela próxima mudança na cúpula do Congresso contaminam as tratativas. O pano de fundo é o embate que ainda resiste entre o bolsonarismo e o petismo, que virou central nas eleições municipais e já se desenha para a sucessão em 2026. O Brasil, assim, se alinha com a desordem mundial.

MARCOS STRECKER é jornalista, diretor do Núcleo de Negócios da Editora Três (ISTOÉ DINHEIRO, DINHEIRO RURAL** e **MOTOR SHOW**)*